

# Dom José Malandrino e o Servo de Deus Nino Baglieri

*Dom José Malandrino, IX bispo da diocese de Noto, retornou à Casa do Pai, no último dia 3 de agosto de 2025. Nesse dia se celebrava a festa da Padroeira da Diocese de Noto, Maria Scala del Paradiso [Maria, Escada do Paraíso]. Estava com 94 anos de idade, 70 anos de sacerdócio e 45 anos de consagração episcopal. São números respeitáveis para um homem que serviu a Igreja como Pastor com “o cheiro das ovelhas”, como o Papa Francisco costumava enfatizar.*

## **Para-raios da humanidade**

Na experiência como pastor da Diocese de Noto (19.06.1998 – 15.07.2007), teve a oportunidade de cultivar a amizade com o Servo de Deus Nino Baglieri. Quase nunca faltava uma “parada” na casa de Nino quando motivos pastorais o levavam a Módica. Em seu testemunho, Dom Malandrino diz: “...encontrando-me ao lado de Nino, tinha a percepção viva de que este nosso amado irmão enfermo era verdadeiramente um ‘para-raios da humanidade’, segundo uma concepção dos sofredores que me é muito cara e que quis propor também na Carta Pastoral sobre a missão permanente ‘Sereis minhas testemunhas’ (2003).” Dom Malandrino escreve: “É necessário reconhecer nos doentes e sofredores o rosto de Cristo sofredor e assisti-los com o mesmo cuidado e amor de Jesus em sua paixão, vivida em espírito de obediência ao Pai e solidariedade aos irmãos.” Isso foi plenamente encarnado pela querida mãe de Nino, a senhora Peppina. Ela, típica mulher siciliana, com um caráter forte e muita determinação, respondeu ao médico que propôs a eutanásia para seu filho (dadas as graves condições de saúde e a perspectiva de uma vida de paralisia): “se o Senhor quiser, Ele o levará, mas se me deixá-lo assim, fico feliz em cuidar dele por toda a vida.” A mãe de Nino, naquele momento, estava consciente do que estava por vir? Maria, mãe de Jesus, estava

consciente da dor que teria que sofrer pelo Filho de Deus? A resposta, vista com olhos humanos, parece não ser fácil, especialmente em nossa sociedade do século XXI, onde tudo é efêmero, flutuante, consumido num “instante”. O “Fiat” da mãe Peppina tornou-se, como o de Maria, um Sim de Fé e adesão àquela vontade de Deus que se cumpre no saber carregar a Cruz, no saber dar “alma e corpo” à realização do Plano de Deus.

### **Da dor à alegria**

A relação de amizade entre Nino e Dom Malandrino já estava iniciada quando este último ainda era bispo de Acireale; de fato, já em 1993, por meio do Padre Atílio Balbinot, um camiliano muito próximo a Nino, ele presenteou-o com seu primeiro livro: “Da dor à alegria”. Na experiência de Nino, a relação com o Bispo de sua diocese era uma relação de filiação total. Desde o momento em que aceitou o Plano de Deus para ele, fazia sentir sua presença “ativa” oferecendo seus sofrimentos pela Igreja, pelo Papa e pelos Bispos (bem como pelos sacerdotes e missionários). Essa relação de filiação era renovada anualmente no dia 6 de maio, data da queda vista depois como o início misterioso de um renascimento. No dia 8 de maio de 2004, poucos dias após celebrar o 36º aniversário da Cruz de Nino, Dom Malandrino foi à sua casa. Em memória daquele encontro, Nino escreveu em suas memórias: “é sempre uma grande alegria toda vez que o vejo e recebo muita força e energia para carregar minha Cruz e oferecê-la com tanto Amor pelas necessidades da Santa Igreja e, em particular, pelo meu Bispo e pela nossa Diocese; que o Senhor lhe conceda cada vez mais santidade para nos guiar por muitos anos sempre com mais ardor e amor...”. Ainda: “... a Cruz é pesada, mas o Senhor me concede muitas Graças que tornam o sofrimento menos amargo e a Cruz se torna leve e suave, a Cruz se faz Dom, oferecida ao Senhor com muito Amor pela salvação das almas e pela Conversão dos Pecadores...”. Por fim, é importante destacar que, nessas ocasiões de graça, nunca faltava o pedido insistente e constante de “ajuda para me tornar Santo com a Cruz de cada dia”. Nino, de fato, queria absolutamente se tornar santo.

## **Uma beatificação antecipada**

Momento de grande relevância foram, nesse sentido, as exéquias do Servo de Deus em 3 de março de 2007, quando justamente Dom Malandrino, no início da Celebração Eucarística, com devoção se inclinou, mesmo com dificuldade, para beijar o caixão que continha os restos mortais de Nino. Foi uma homenagem a um homem que viveu 39 anos de sua existência em um corpo que “não sentia”, mas que irradiava alegria de viver em 360 graus. Dom Malandrino ressaltou que a celebração da Missa, no pátio dos Salesianos que se tornou para a ocasião uma “catedral” a céu aberto, foi uma autêntica apoteose (milhares de pessoas participaram em lágrimas) e se percebia claramente e comunitariamente que não se tratava de um funeral, mas de uma verdadeira “beatificação”. Nino, com seu testemunho de vida, tornou-se um ponto de referência para muitos, jovens ou menos jovens, leigos ou consagrados, mães ou pais de família, que graças ao seu precioso testemunho conseguiam ler sua própria existência e encontrar respostas que não conseguiam achar em outro lugar. Dom Malandrino também enfatizou esse aspecto várias vezes: «de fato, cada encontro com o querido Nino foi para mim, como para todos, uma forte e viva experiência de edificação e – na sua doçura – um poderoso estímulo à doação paciente e generosa. A presença do Bispo lhe conferia imensa alegria porque, além do afeto do amigo que o visitava, ele percebia a comunhão eclesial. É óbvio que o que eu recebia dele era sempre muito mais do que aquele pouco que eu podia lhe dar». A “fixação” de Nino era “se tornar santo”: ter vivido e encarnado plenamente o evangelho da Alegria no Sofrimento, com seus padecimentos físicos e seu dom total para a amada Igreja, fez com que tudo não terminasse com sua partida para a Jerusalém do Céu, mas continuasse ainda, como ressaltou Dom Malandrino nas exéquias: “... a missão de Nino continua agora também através de seus escritos. Ele mesmo havia antecipado isso em seu Testamento espiritual”: “... meus escritos continuarão meu testemunho, continuarei a dar Alegria a todos e a falar do Grande Amor de Deus e das Maravilhas que Ele fez em minha vida”. Isso ainda está se cumprindo porque

não pode ficar escondida “uma cidade situada sobre um monte e não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire, mas no candelabro, para iluminar todos os que estão em casa” (Mateus 5,14-16). Metaforicamente, quer-se destacar que a “luz” (entendida em sentido amplo) deve ser visível, mais cedo ou mais tarde: o que é importante virá à luz e será reconhecido.

Relembrar nestes dias – marcados pela morte de Dom Malandrino, seus funerais em Acireale (5 de agosto, Madonna della Neve [Nossa Senhora da Neve]) e em Noto (7 de agosto) com sepultamento na sequência na catedral que ele mesmo desejou fortemente reformar após o desabamento de 13 de março de 1996 e que foi reaberta em março de 2007 (mês em que Nino Baglieri faleceu) – significa revisitar esse laço entre duas grandes figuras da Igreja de Noto, fortemente entrelaçadas e ambas capazes de deixar nela uma marca que não se apaga.

*Roberto Chiaramonte*

---

## **Com Nino Baglieri, peregrino da Esperança, no caminho do Jubileu**

*O percurso do Jubileu 2025, dedicado à Esperança, encontra um testemunho luminoso na história do Servo de Deus Nino Baglieri. Da queda dramática aos dezessete anos, que o tornou tetraplégico, até o renascimento interior em 1978, Baglieri passou da sombra do desespero para a luz de uma fé ativa, transformando sua cama de dor em escola de alegria. Sua história entrelaça os cinco sinais jubilares – peregrinação, porta, profissão de fé, caridade e reconciliação – mostrando*

*que a esperança cristã não é fuga, mas força que abre o futuro e sustenta todo caminho.*

## **1. Esperar como expectativa**

A esperança, segundo o dicionário *on-line* Treccani, é um sentimento de “confiante expectativa na realização, presente ou futura, do que se deseja”. A etimologia do substantivo “esperança” deriva do latim *spes*, que por sua vez vem da raiz sânscrita *spa-*, que significa tender a um objetivo. Na língua espanhola, “esperar” e “aguardar” são traduzidos pelo verbo *esperar*, que reúne em uma única palavra ambos os significados: como se só se pudesse aguardar aquilo que se espera. Esse estado de espírito nos permite enfrentar a vida e seus desafios com coragem e uma luz no coração sempre acesa. A esperança é expressa – positiva ou negativamente – também em alguns provérbios da sabedoria popular: “A esperança é a última que morre”, “Enquanto há vida, há esperança”, “Quem vive de esperança, morre desesperado”.

Quase recolhendo esse “sentir compartilhado” sobre a esperança, mas consciente da necessidade de ajudar a redescobrir a esperança em sua dimensão mais plena e verdadeira, o Papa Francisco quis dedicar o Jubileu Ordinário de 2025 à Esperança (*Spes non confundit* [A esperança não engana] é a Bula de convocação) e, já em 2014, dizia: “A ressurreição de Jesus não é o final feliz de uma bonita fábula, não é o *happy end* de um filme; mas a intervenção de Deus Pai sobrevém onde se rompe a esperança humana. O momento em que tudo parece perdido, na hora do sofrimento, no qual numerosas pessoas sentem como que a necessidade de descer da cruz, é o momento mais próximo da ressurreição. A morte torna-se mais obscura precisamente antes que desponte a manhã, antes que surja a luz. É na hora mais obscura que Deus intervém e ressuscita” (cf. Audiência de 16 de abril de 2014).

Nesse contexto, encaixa-se perfeitamente a história do **Servo de Deus Nino Baglieri** (Modica, 1º de maio de 1951 – 2 de março de 2007), que, jovem pedreiro de dezessete

anos, ao cair de um andaime de dezessete metros devido ao súbito rompimento de uma tábua, chocou-se contra o chão, ficando tetraplégico: desde essa queda, em 6 de maio de 1968, só pôde mover a cabeça e o pescoço, dependendo dos outros em tudo para toda a vida, até nas coisas mais simples e humildes. Nino não podia nem apertar a mão de um amigo, nem fazer um carinho na mãe... e via desaparecer a possibilidade de realizar seus sonhos. Que esperança de vida tem agora esse jovem? Com quais sentimentos pode lidar? Que futuro o espera? A primeira resposta de Nino foi o desespero, a escuridão total diante de uma busca de sentido que não encontrava resposta: primeiro uma longa peregrinação por hospitais de várias regiões italianas, depois a compaixão de amigos e conhecidos levou Nino a se rebelar e se fechar em dez longos anos de solidão e raiva, enquanto o túnel da vida se aprofundava cada vez mais.

Na mitologia grega, Zeus confia a Pandora um vaso que contém todos os males do mundo: ao ser aberto, os homens perdem a imortalidade e começam uma vida de sofrimento. Para salvá-los, Pandora reabre o vaso e libera *elpis*, a esperança, que ficou no fundo: era o único antídoto para as aflições da vida. Olhando para o Doador de todo bem, sabemos que «a esperança não engana» (Rm 5,5). O Papa Francisco, na *Spes non confundit*, escreve: “Sob o sinal da esperança, o apóstolo Paulo infunde coragem à comunidade cristã de Roma. [...]. Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança” (*Ibid.*, 1).

## **2. De Testemunha do “desespero” a “embaixador” da esperança**

Voltemos então à história do nosso Servo de Deus, Nino Baglieri.

Foram necessários dez longos anos para que Nino saísse do túnel do desespero, as densas trevas se dissipassem e entrasse a Luz. Era a tarde de 24 de março, Sexta-feira Santa de 1978, quando o P. Aldo Modica, com um grupo de jovens, foi à casa de Nino, à pedido da sua mãe, Peppina, e por algumas pessoas que frequentavam o caminho do Renovação Carismática, então em seus primórdios na vizinha paróquia salesiana. Escreve Nino: “Enquanto invocavam o Espírito Santo, senti uma sensação estranhíssima, um grande calor invadia meu corpo, um forte formigamento em todos os [meus] membros, como se uma força nova entrasse em mim e algo velho saísse. Naquele momento disse meu ‘sim’ ao Senhor, aceitei minha cruz e renasci para uma vida nova, tornei-me um homem novo. Dez anos de desespero apagados em poucos instantes, porque uma alegria desconhecida entrou no meu coração. Eu desejava a cura do meu corpo e, em vez disso, o Senhor me concedia uma alegria ainda maior: a cura espiritual”.

Começa para Nino um novo caminho: de “testemunha do desespero” torna-se “peregrino da esperança”. Não mais isolado em seu quartinho, mas “embaixador” dessa esperança, conta sua experiência por meio de um programa transmitido por uma rádio local e – graça ainda maior – o bom Deus lhe dá a alegria de poder escrever com a boca. Nino confessa: “No mês de março de 1979, o Senhor me fez um grande milagre: aprendi a escrever com a boca, comecei assim, estava com meus amigos que estavam fazendo os deveres, pedi para me darem um lápis e um caderno, comecei a fazer sinais e a desenhar algo, mas depois descobri que podia escrever e assim comecei a escrever”. Começa então a redigir suas memórias e a manter contato por carta com pessoas de todas as categorias e em várias partes do mundo, com milhares de cartas até hoje guardadas. A esperança reencontrada o torna criativo, agora Nino redescobre o gosto pelas relações e quer se tornar – como pode – independente: com a ajuda de uma vareta que usa com a boca e de um elástico aplicado ao telefone, disca os números para se comunicar com muitas pessoas doentes, para lhes dirigir uma palavra de conforto. Descobre uma nova forma de enfrentar sua condição de

sofrimento, que o tira do isolamento e o leva a se tornar testemunha do Evangelho da alegria e da esperança: “Agora há muita alegria no meu coração, em mim não existe mais dor, no meu coração há o Teu amor. Obrigado, Jesus, meu Senhor, do meu leito de dor quero Te louvar e com todo o meu coração Te agradecer porque me chamaste para conhecer a vida, para conhecer a verdadeira vida”.

Nino mudou de perspectiva, fez uma volta de 180 graus – o Senhor lhe deu a **conversão** – depositou sua confiança naquele Deus misericordioso que, através da “desgraça”, o chamou para trabalhar em sua vinha, para ser sinal e instrumento de salvação e esperança. Assim, muitas pessoas que iam visitá-lo para consolá-lo saíam consoladas, com lágrimas nos olhos: não encontravam naquela caminha um homem triste e abatido, mas um rosto sorridente que irradiava – apesar de tantas dores, entre elas as feridas e os problemas respiratórios – alegria de viver: o sorriso era constante em seu rosto e Nino se sentia “útil em um leito de dor”. Nino Baglieri é o oposto de muitas pessoas hoje, eternamente em busca do sentido da vida, que buscam o sucesso fácil e a felicidade de coisas efêmeras e sem valor, vivem *on-line*, consomem a vida em um clique, querem tudo e já, mas têm os olhos tristes, apagados. Nino aparentemente não tinha nada, e, no entanto, tinha paz e alegria no coração: não viveu isolado, mas sustentado pelo amor de Deus expresso pelo abraço e pela presença de toda sua família e de cada vez mais pessoas que o conhecem e se relacionam com ele.

### **3. Reavivar a esperança**

Construir a esperança é: toda vez que não me contento com minha vida e me esforço para mudá-la. Toda vez que não me deixo endurecer pelas experiências negativas e evito que elas me tornem desconfiado. Toda vez que caio e tento me levantar, que não permito que os medos tenham a última palavra. Toda vez que, em um mundo marcado por conflitos, escolho a confiança e a renovação constante, com todos. Toda vez que não fujo do sonho de Deus que me diz:

“quero que sejas feliz”, “quero que tenhas uma vida plena... plena também de santidade”. O ápice da virtude da esperança é, de fato, um olhar para o Céu para habitar bem a terra ou, como diria Dom Bosco, **um caminhar com os pés no chão e o coração no Céu.**

Nesse caminho de esperança se realiza o jubileu que, com seus sinais, nos pede para nos pôr em movimento, para atravessar algumas fronteiras.

*Primeiro sinal, a peregrinação:* quando nos movemos de um lugar para outro, estamos abertos ao novo, à mudança. Toda a vida de Jesus foi “um pôr-se a caminho”, um caminho de evangelização que se realiza no dom da vida e depois além, com a Ressurreição e a Ascensão.

*Segundo sinal, a porta:* em Jo 10,9 Jesus afirma «Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem». Passar pela porta é deixar-se acolher, ser comunidade. No evangelho fala-se também da “porta estreita”: o Jubileu torna-se caminho de conversão.

*Terceiro sinal, a profissão de fé:* expressar a pertença a Cristo e à Igreja e declará-lo publicamente.

*Quarto sinal, a caridade:* a caridade é a senha para o céu, em 1Pd 4,8 o apóstolo Pedro admoesta «mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados».

*Quinto sinal, portanto, a reconciliação e a indulgência jubilar:* trata-se de um “tempo favorável” (cf. 2Cor 6,2) para experimentar a grande misericórdia de Deus e percorrer caminhos de reaproximação e perdão para com os irmãos; para viver a oração do Pai Nosso onde se pede “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. É tornar-se criaturas novas.

Também na vida de Nino há episódios que o ligam – no “fio” da esperança – a essas dimensões jubilares. Por exemplo, o arrependimento por algumas travessuras da infância, como quando, em três (ele conta), “roubávamos as ofertas das Missas na sacristia, usávamos para jogar pebolim. Quando se encontra más companhias, elas levam para os maus caminhos.

Depois um pegou o molho de chaves do Oratório e escondeu na minha bolsa de livros que estava no escritório; encontraram as chaves, chamaram os pais, nos deram dois tapas e nos expulsaram da escola. Vergonha!”. Mas sobretudo na vida de Nino há a caridade, ajudar o irmão pobre, na prova física e moral, fazer-se presente para quem tem dificuldades até psicológicas e alcançar por escrito os irmãos na prisão para testemunhar-lhes a bondade e o amor de Deus. A Nino, que antes da queda fora pedreiro, «[eu] gostava construir com minhas mãos algo que permanecesse no tempo: também agora – escreve – sinto-me um pedreiro que trabalha no Reino de Deus, para deixar algo que permaneça no tempo, para ver as Obras Maravilhosas de Deus que realiza em nossa Vida». Confessa: «Meu corpo parece morto, mas no meu peito continua a bater meu coração. As pernas não se movem, e, no entanto, pelas estradas do mundo eu caminho».

#### **4. Peregrino rumo ao céu**

Nino, salesiano cooperador, consagrado da grande Família Salesiana, conclui sua “peregrinação” terrena na sexta-feira, 2 de março de 2007, às 8h da manhã, aos 55 anos, dos quais 39 foram vividos como tetraplégico entre cama e cadeira de rodas, após pedir desculpas à família pelas dificuldades que teve que enfrentar devido à sua condição. Deixa o palco deste mundo usando agasalho e tênis esportivo, como tinha expressamente pedido, para correr pelos verdes prados floridos e saltitar como uma corça ao longo dos cursos d’água. Lemos em seu Testamento Espiritual: “Nunca deixarei de agradecer-te, ó Senhor, por me ter chamado a Ti através da Cruz em 6 de maio de 1968. Uma cruz pesada para minhas forças jovens...”. No dia 2 de março, a vida – dom contínuo que começa com os pais e é lentamente alimentado com surpresa e beleza – insere para Nino Baglieri sua peça mais importante: o abraço com seu Senhor e Deus, acompanhado por Nossa Senhora.

Ao saber de sua partida, de muitos lugares se ergue um coro unânime: «morreu um santo», um homem que fez de seu leito de dor o estandarte da vida plena, dom para todos.

Portanto, um grande testemunho de esperança.

Passados cinco anos da morte, assim como previsto pelas *Normae Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum* de 1983, o bispo da Diocese de Noto, a pedido do Postulador Geral da Congregação Salesiana, ouvido o Conselho Episcopal Siciliano e obtido o *Nihil obstat* da Santa Sé, abre a Inquérito Diocesano da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Nino Baglieri.

O processo diocesano, que durou doze anos, desenvolveu-se ao longo de duas linhas principais: o trabalho da Comissão de História que pesquisou, coletou, estudou e apresentou muitas fontes, sobretudo Escritos “do” e “sobre” o Servo de Deus; o Tribunal Eclesiástico, titular do Inquérito, que também ouviu sob juramento as testemunhas.

Esse percurso foi concluído no último dia 5 de maio de 2024, na presença de Dom Salvatore Rumeo, atual bispo da diocese de Noto. Poucos dias depois, os Atos processuais foram entregues ao Dicastério das Causas dos Santos, que procedeu à sua abertura em 21 de junho de 2024. No início de 2025, o mesmo Dicastério decretou sua “Validade Jurídica”, com a qual a fase romana da Causa pode entrar em seu momento principal.

Agora, a contribuição para a Causa continua também divulgando a figura de Nino, que ao final de seu caminho terreno recomendou: “Não me deixem sem fazer nada. Eu continuarei do céu minha missão. Escreverei para vocês do Paraíso”.

O caminho da esperança em sua companhia torna-se assim desejo do Céu, quando “encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1 Cor13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. [...]. Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus. [...]. Caminemos cantando!” (cf. *Laudato Si'*, 243-244).

## Os Meninos do Cemitério

*O drama dos jovens abandonados continua a causar impacto no mundo contemporâneo. As estatísticas falam de cerca de 150 milhões de jovens forçados a viver nas ruas, uma realidade que se manifesta de forma dramática também em Monróvia, capital da Libéria. Por ocasião da festa de São João Bosco, em Viena, foi realizada uma campanha de conscientização promovida pela Jugend Eine Welt [Juventude de um só mundo], uma iniciativa que destacou não só a situação local, mas também as dificuldades encontradas em países distantes, como a Libéria, onde o salesiano Lothar Wagner dedica a sua vida a dar esperança a estes jovens.*

### **Lothar Wagner: um salesiano que dedica a sua vida aos meninos de rua na Libéria**

Lothar Wagner, salesiano coadjutor alemão, dedicou mais de vinte anos de sua vida ao apoio dos meninos na África Ocidental. Depois de ter amadurecido experiências significativas em Gana e Serra Leoa, nos últimos quatro anos concentrou-se com paixão na Libéria, um país marcado por conflitos prolongados, crises sanitárias e devastações como a epidemia de Ebola. Lothar tornou-se porta-voz de uma realidade muitas vezes ignorada, onde as cicatrizes sociais e econômicas comprometem as oportunidades de crescimento para os jovens.

A Libéria, com uma população de 5,4 milhões de habitantes, é um país onde a pobreza extrema é acompanhada de instituições frágeis e de uma corrupção generalizada. As consequências de décadas de conflitos armados e crises sanitárias deixaram o sistema educativo entre os piores do mundo, enquanto o tecido

social se desgastou sob o peso de dificuldades econômicas e falta de serviços essenciais. Muitas famílias não conseguem garantir aos seus filhos as necessidades primárias, levando assim um grande número de jovens a procurar refúgio na rua.

Em particular, em Monróvia, alguns jovens encontram refúgio nos lugares mais inesperados: os cemitérios da cidade. Conhecidos como “meninos do cemitério”, estes jovens, sem uma habitação segura, refugiam-se entre os túmulos, lugar que se torna símbolo de um abandono total. Dormir ao ar livre, nos parques, nos aterros sanitários, até mesmo nos esgotos ou dentro de túmulos, tornou-se o trágico refúgio quotidiano para quem não tem outra escolha.

*“É realmente muito comovente quando se caminha pelo cemitério e se veem meninos que saem dos túmulos. Deitam-se com os mortos porque não têm mais um lugar na sociedade. Uma situação deste tipo é escandalosa.”*

### **Uma abordagem múltipla: do cemitério às celas de detenção**

Não só os meninos dos cemitérios estão no centro da atenção de Lothar. O salesiano dedica-se também a outra realidade dramática: a dos detidos menores nas prisões liberianas. A prisão de Monróvia, construída para 325 detidos, acolhe hoje mais de 1.500 prisioneiros, entre os quais muitos jovens encarcerados sem uma acusação formal. As celas, extremamente superlotadas, são um claro exemplo de como a dignidade humana é muitas vezes sacrificada.

*“Falta comida, água limpa, padrões higiênicos, assistência médica e psicológica. A fome constante e a dramática situação espacial devido à superlotação enfraquecem enormemente a saúde dos meninos. Numa pequena cela, projetada para dois detidos, estão trancados oito a dez jovens. Dorme-se por turnos, porque esta dimensão da cela oferece espaço só em pé aos seus numerosos habitantes”.*

Para fazer face a esta situação, organiza visitas diárias na

prisão, levando água potável, refeições quentes e um suporte psicossocial que se torna uma âncora de salvação. A sua presença constante é fundamental para procurar restabelecer um diálogo com as autoridades e as famílias, sensibilizando também sobre a importância de tutelar os direitos dos menores, muitas vezes esquecidos e abandonados a um destino infausto. *“Não os deixamos sozinhos na sua solidão, mas procuramos dar-lhes uma esperança”*, sublinha Lothar com a firmeza de quem conhece a dor quotidiana destas jovens vidas.

### **Um dia de conscientização em Viena**

O apoio a estas iniciativas passa também pela atenção internacional. No dia 31 de janeiro, em Viena, a *Jugend Eine Welt* organizou um dia dedicado a evidenciar a precária situação dos meninos de rua, não só na Libéria, mas em todo o mundo. Durante o evento, Lothar Wagner compartilhou as suas experiências com estudantes e participantes, envolvendo-os em atividades práticas – como o uso de uma fita de sinalização para simular as condições de uma cela superlotada – para fazer compreender em primeira pessoa as dificuldades e a angústia dos jovens que vivem quotidianamente em espaços mínimos e em condições degradantes.

Além das emergências quotidianas, o trabalho de Lothar e dos seus colaboradores concentra-se também em intervenções a longo prazo. Os missionários salesianos, de fato, estão empenhados em programas de reabilitação que vão do suporte educativo à formação profissional para os jovens detidos, até à assistência legal e espiritual. Estas intervenções visam reintegrar os meninos na sociedade uma vez libertados, ajudando-os a construir um futuro digno e cheio de possibilidades. O objetivo é claro: oferecer não só uma ajuda imediata, mas criar um percurso que consinta aos jovens desenvolver as suas potencialidades e contribuir ativamente para o renascimento do país.

As iniciativas estendem-se também à construção de centros de formação profissional, escolas e estruturas de acolhimento,

com a esperança de ampliar o número de jovens beneficiários e garantir um suporte constante, dia e noite. O testemunho de sucesso de muitos ex-“meninos do cemitério” – alguns dos quais tornaram-se professores, médicos, advogados e empresários – é a confirmação tangível de que, com o devido suporte, a transformação é possível.

Apesar do empenho e da dedicação, o percurso é repleto de obstáculos: a burocracia, a corrupção, a desconfiança dos meninos e a falta de recursos representam desafios quotidianos. Muitos jovens, marcados por abusos e exploração, têm dificuldade em confiar nos adultos, tornando ainda mais árdua a tarefa de instaurar uma relação de confiança e de oferta de um suporte real e duradouro. Contudo, cada pequeno sucesso – cada jovem que reencontra a esperança e começa a construir um futuro – confirma a importância deste trabalho humanitário.

O percurso empreendido por Lothar e pelos seus colaboradores testemunha que, apesar das dificuldades, é possível fazer a diferença na vida dos meninos abandonados. A visão de uma Libéria em que cada jovem possa realizar o próprio potencial traduz-se em ações concretas, da sensibilização internacional à reabilitação dos detidos, passando por programas educativos e projetos de acolhimento. O trabalho, assente em amor, solidariedade e uma presença constante, representa um farol de esperança num contexto em que o desespero parece prevalecer.

Num mundo marcado pelo abandono e pela pobreza, as histórias de renascimento dos meninos de rua e dos jovens detidos são um convite a acreditar que, com o devido suporte, cada vida pode ressurgir. Lothar Wagner continua a lutar para garantir a estes jovens não só um abrigo, mas também a possibilidade de reescrever o próprio destino, demonstrando que a solidariedade pode realmente mudar o mundo.

---

# Perfis de famílias feridas na história da santidade salesiana

## 1. Histórias de famílias feridas

Estamos acostumados a imaginar a família como uma realidade harmoniosa, caracterizada pela presença de várias gerações e pelo papel orientador dos pais que estabelecem normas, e dos filhos que, ao aprendê-las, são guiados por eles na experiência da realidade. No entanto, muitas vezes as famílias se veem atravessadas por dramas e incompreensões, ou marcadas por feridas que atacam sua configuração ideal e devolvem uma imagem distorcida, falsificada e enganosa.

Também a história da santidade salesiana é marcada por histórias de famílias feridas: famílias onde falta pelo menos uma das figuras parentais, ou onde a presença da mãe e do pai se torna, por razões diversas (físicas, psíquicas, morais e espirituais), prejudicial para seus filhos, que hoje estão a caminho das honras dos altares. O próprio Dom Bosco, que experimentou a morte prematura do pai e o afastamento da família pela prudente vontade de Mamãe Margarida, deseja – não é por acaso – que a obra salesiana seja particularmente dedicada à “juventude pobre e abandonada” e não hesita em alcançar os jovens que se formaram em seu oratório com uma intensa pastoral vocacional (demonstrando que nenhuma ferida do passado é um obstáculo a uma vida humana e cristã plena). É, portanto, natural que a própria santidade salesiana, que se alimenta das existências de muitos jovens de Dom Bosco que depois foram consagrados por meio dele à causa do Evangelho, traga em si – como consequência lógica – traços de famílias feridas.

Desses meninos e meninas que cresceram em contato com as obras salesianas, queremos apresentar três, cujas histórias se entrelaçam na biografia de Dom Bosco. Os protagonistas são:

– A bem-aventurada Laura Vicuña, nascida no Chile em 1891, órfã de pai e cuja mãe inicia na Argentina uma convivência com o rico proprietário Manuel Mora; Laura, portanto, ferida pela situação de irregularidade moral da mãe, está pronta para oferecer a vida por ela;

– O servo de Deus Carlos Braga, de Valtellina nascido em 1889, abandonado ainda pequeno pelo pai e cuja mãe é afastada ao ser considerada psicologicamente instável, por uma mistura de ignorância e maledicência; Carlos, portanto, que enfrenta grandes humilhações e verá sua vocação salesiana colocada em dificuldade por aqueles que temem nele um comprometedor reaparecimento da deficiência psíquica falsamente atribuído à mãe;

– Finalmente, a serva de Deus Ana Maria Lozano, que nasceu em 1883 na Colômbia, segue o pai com sua família no lazareto, onde é forçada a se transferir após o aparecimento da terrível lepra, será obstaculizada em sua vocação religiosa, mas poderá finalmente realizá-la graças ao encontro providencial com o salesiano Luís Variara, beato.

## **2. Dom Bosco e a busca pelo pai**

Como Laura, Carlos e Ana Maria – marcados pela ausência ou pelas “feridas” de uma ou mais figuras parentais – antes deles, e de certo modo “por eles”, também Dom Bosco experimenta a falta de um núcleo familiar forte.

As *Memórias do Oratório* devem logo se deter sobre a precoce perda do pai: Francisco morre aos 34 anos e Dom Bosco – não sem recorrer a uma expressão, em certos aspectos, desconcertante – reconhece que “Deus misericordioso os atingiu a todos com um grave infortúnio”. Assim, entre as primeiras lembranças do futuro santo dos jovens, surge uma experiência dilacerante: a do corpo do pai, do qual a mãe tenta afastá-lo, encontrando, no entanto, sua resistência: “Eu queria

absolutamente ficar lá”, explica Dom Bosco, que então acrescentou: “Se papai não vem, não quero ir [embora]”. Margarida então lhe responde: “Pobre filho, venha comigo, você não tem mais pai”. Ela chora e Joãozinho, que carece de uma compreensão racional da situação, mas intui todo o drama com uma intuição afetiva e de empatia, faz sua a tristeza da mãe: “Eu chorava porque ela chorava, já que naquela idade não podia certamente compreender quão grande infortúnio era a perda do pai”.

Diante do pai morto, Joãozinho demonstra considerá-lo ainda o centro de sua vida. Ele diz, de fato: “não quero *ir* (*it. andare*) [com você, mamãe]” e *não*, como esperaríamos: “não quero *vir* (*it. venire*)”. Seu ponto de referência é o pai – ponto de partida e desejável ponto de retorno – em relação ao qual todo afastamento parece desestabilizador. Na dramaticidade daqueles momentos, além disso, Joãozinho ainda não compreendeu o que significa a morte do genitor. Ele espera, de fato (“se papai não vem...”) que o pai ainda possa ficar perto dele: e, no entanto, já intui seu imobilismo, seu silêncio, sua incapacidade de protegê-lo e defendê-lo, a impossibilidade de ser levado pela mão para se tornar, por sua vez, um homem. Os eventos imediatamente seguintes, então, confirmam a João na certeza de que o pai amorosamente protege, orienta e guia e que, quando lhe falta, mesmo a melhor das mães, como Margarida é, pode prover apenas em parte. Em seu caminho de menino exuberante, o futuro Dom Bosco encontra, no entanto, outros “pais”: os quase-coetâneos Luís Comollo, que desperta nele a emulação das virtudes, e São José Cafasso, que o chama de “meu caro amigo”, faz um “gesto gracioso para se aproximar” e, ao fazer isso, o confirma na persuasão de que paternidade é proximidade, confiança e interesse concreto. Mas há, sobretudo, o P. Calosso, o sacerdote que “intercepta” o cabeludo Joãozinho durante uma “missão popular” e se torna determinante para seu crescimento humano e espiritual. Os gestos do P. Calosso operam no pré-adolescente João uma verdadeira revolução. O P. Calosso, antes de tudo, *fala com ele*. Então, *dá-lhe voz*. Depois, o *encoraja*.

Além disso: se *interessa* pela história da família Bosco, demonstrando saber contextualizar a “hora” daquele menino no “todo” de sua história. Além disso, revela-lhe o mundo, ou melhor, de certa forma o reintegra ao mundo, fazendo-o conhecer coisas novas, presenteando-o com novas palavras e demonstrando-lhe que ele tem as capacidades para fazer muito e bem. Finalmente, *o protege* com o gesto e com o olhar, e cuida dele em suas necessidades mais urgentes e reais: «Enquanto eu falava, ele nunca desviou o olhar de mim. “Mantenha-se de bom ânimo, amigo, eu pensarei em você e em seus estudos”».

No P. Calosso, João Bosco faz, portanto, a experiência de que a verdadeira paternidade merece um total e totalizante compromisso; leva à consciência de si; abre um “mundo ordenado” onde a regra dá segurança e educa para a liberdade:

“Eu logo me coloquei nas mãos do P. Calosso. Então, conheci o que significa ter um guia estável [...], um amigo fiel da alma... Ele me encorajou; todo o tempo que eu podia, passava perto dele... Daquela época em diante, comecei a saborear o que é a vida espiritual, já que antes agia de forma mais material e como uma máquina que faz uma coisa, sem saber a razão”.

O pai terreno, no entanto, é também aquele que gostaria de estar sempre perto do filho, mas em certo momento não consegue mais fazê-lo. Também o P. Calosso morre; também o melhor pai, em certo momento, se afasta, para dar ao filho a força do desapego e da autonomia típicas da idade adulta.

Qual é, então, para Dom Bosco, a diferença entre famílias bem-sucedidas ou fracassadas? Seríamos tentados a dizer que está tudo aqui: “bem-sucedida” é a família caracterizada por pais que educam os filhos para a liberdade e, se os deixam, é apenas por uma impossibilidade que surgiu ou para o bem deles. “Ferida”, em vez disso, é a família onde o genitor não gera mais para a vida, mas traz em si problemas de várias naturezas que dificultam o crescimento do filho: um

genitor que se desinteressa por ele e, diante das dificuldades, até o abandona, com uma atitude tão diferente da do Bom Pastor.

As histórias biográficas de Laura, Carlos e Anna Maria confirmam isso.

### **3. Laura: uma filha que “gera” sua própria mãe**

Nascida em Santiago do Chile em 5 de abril de 1891, e batizada em 24 de maio seguinte, Laura é a filha mais velha de José D. Vicuña, um nobre decadente que havia se casado com Mercedes Pino, filha de modestos agricultores. Três anos depois, chega uma irmãzinha, Júlia Amanda, mas logo o pai morre, após ter sofrido uma derrota política que minou sua saúde e comprometeu, com o sustento econômico da família, também a honra. Privada de qualquer “proteção e perspectiva de futuro”, a mãe chega à Argentina, onde recorre à tutela do proprietário de terras Manuel Mora: um homem “de caráter soberbo e altivo”, que “não dissimula ódio e desprezo por quem quer que se oponha a seus planos”. Um homem que, portanto, apenas em aparência garante proteção, mas está na verdade acostumado a tomar, se necessário à força, o que deseja, instrumentalizando as pessoas. Enquanto isso, ele paga os estudos de Laura e da irmã no colégio das Filhas de Maria Auxiliadora e sua mãe – que sofre a influência psicológica de Mora – convive com ele sem encontrar a força para romper o vínculo. Quando, no entanto, Mora começa a mostrar sinais de desonesto interesse pela própria Laura, e especialmente quando esta inicia o caminho de preparação para a Primeira Comunhão, ela de repente compreende toda a gravidade da situação. Ao contrário da mãe – que justifica um mal (a convivência) em vista de um bem (a educação das filhas no colégio) – Laura entende que se trata de uma argumentação moralmente ilegítima, que coloca em grave perigo a alma da mãe. Nesse período, então, Laura gostaria de se tornar ela mesma uma irmã de Maria Auxiliadora: mas seu pedido é recusado, porque é filha de uma “concubina pública”. E é neste ponto que, precisamente em Laura – acolhida no colégio quando ainda dominavam nela

“impulsividade, facilidade de ressentimento, irritabilidade, impaciência e propensão a aparecer” – se manifesta uma mudança que apenas a Graça, unida ao empenho da pessoa, pode operar: ela pede a Deus a conversão da mãe, oferecendo-se por ela. Nesse momento, Laura não pode se mover nem “para frente” (entrando entre as Filhas de Maria Auxiliadora) nem “para trás” (voltando para a mãe e para Mora). Com um gesto então carregado da criatividade típica dos santos, Laura inicia o único caminho que ainda lhe é acessível: o da altura e da profundidade. Nos propósitos da Primeira Comunhão, ela anotou:

Proponho fazer o que sei e posso para [...] reparar as ofensas que vós, Senhor, recebeis todos os dias dos homens, especialmente das pessoas da minha família; meu Deus, dai-me uma vida de amor, de mortificação e de sacrifício.

Agora finaliza o propósito em “Ato de oferta”, que inclui o sacrifício da própria vida. O confessor, reconhecendo que a inspiração é de Deus, mas ignorando as consequências, consente e confirma que Laura está “consciente da oferta que acaba de fazer”. Ela vive os últimos dois anos com silêncio, alegria e sorriso e uma índole rica de calor humano. E, no entanto, o olhar que lança sobre o mundo – como confirma um retrato fotográfico, muito diferente da estilização hagiográfica conhecida – diz também toda a sofrida consciência e a dor que habitam nela. Em uma situação em que lhe falta tanto a “liberdade *proveniente de*” (condicionamentos, obstáculos, dificuldades), quanto a “liberdade *de*” fazer muitas coisas, esta pré-adolescente testemunha a “liberdade *para*”: a do dom total de si.

Laura não despreza, mas ama a vida: a sua e a da mãe. Por isso se oferece. Em 13 de abril de 1902, Domingo do Bom Pastor, pergunta: “Se Ele dá a vida... o que me impede de fazer o mesmo pela mamãe?”. Moribunda, acrescenta: “Mamãe, eu estou morrendo, eu mesma pedi a Jesus... já faz quase dois anos que ofereci a vida por você..., para obter a graça do seu retorno!”.

Essas são palavras livres de arrependimento e de reprovação, mas carregadas de uma grande força, uma grande esperança e uma grande fé. Laura aprendeu a acolher a mãe pelo que ela é. Na verdade, oferece a si mesma para dar a ela o que ela sozinha não consegue alcançar. Quando Laura morre, a mãe se converte. Laurita dos Andes, a filha, assim contribuiu para gerar a mãe na vida de fé e de graça.

#### **4. Carlo Braga e a sombra da mãe**

Carlos Braga, que nasce dois anos antes de Laura, em 1889, também é marcado pela fragilidade da mãe: quando o marido a abandona, Matilde “quase não comia mais e declinava a olhos vistos”. Levada então a Como, ela morre quatro anos depois de tuberculose, embora todos estejam convencidos de que a depressão se transformou para ela em uma verdadeira loucura. Carlos começa então a ser “compadecido como o filho de um inconsciente [o pai] e de uma mãe infeliz”. No entanto, três acontecimentos providenciais o socorrem.

Do primeiro, ocorrido quando ele era muito pequeno, ele redescobre mais tarde o sentido: ele havia caído na lareira e a mãe Matilde, ao salvá-lo, naquele momento o consagrou a Nossa Senhora. Assim, o pensamento da mãe ausente se torna para Carlos criança “uma lembrança dolorosa e consoladora ao mesmo tempo”: dor por sua ausência; mas também a certeza de que ela o confiou à Mãe de todas as mães, Maria Santíssima. Anos depois, o P. Braga escreve a um coirmão salesiano atingido pela perda de sua mãe:

Agora a mãe te pertence muito mais do que quando estava viva. Deixa-me falar da minha experiência pessoal. Minha mãe me deixou quando eu tinha seis anos [...]. Mas devo confessar-te que ela me seguiu passo a passo e, quando eu chorava desolado ao murmúrio do rio Adda, enquanto, pastorzinho, me sentia chamado a uma vocação mais alta, parecia que a Mãe me sorria e enxugava minhas lágrimas.

Carlos então encontra a irmã Judite Torelli, uma Filha de Maria Auxiliadora que «salvou o pequeno Carlos da

desagregação de sua personalidade quando, aos nove anos, percebeu que era apenas tolerado e ouviu algumas vezes as pessoas dizerem a seu respeito: 'Pobre menino, por que ele está no mundo?'». De fato, havia quem sustentasse que seu pai merecia ser fuzilado pela traição do abandono; e, quanto à mãe, muitos colegas de escola lhe replicavam: "Fique quieto, sua mãe era uma louca". Mas a irmã Judite o ama ou o ajuda de maneira especial; lança sobre ele um olhar "novo"; além disso, acredita em sua vocação e o encoraja.

Tendo entrado então no colégio salesiano de Sondrio, Carlos vive a terceira e decisiva experiência: conhece o P. Rua, de quem tem a honra de ser o pequeno secretário por um dia. O P. Rua sorri para Carlos e, repetindo o gesto que Dom Bosco havia realizado um tempo atrás com ele ("Miguelzinho, eu e você faremos sempre tudo à meia"), "coloca sua mão dentro da dele e lhe diz: 'nós seremos sempre amigos'": se a irmã Judite havia acreditado na vocação de Carlos, o P. Rua agora lhe permite realizá-la, "fazendo-o passar por cima de todos os obstáculos". Certamente, não faltarão dificuldades em cada etapa da vida de Carlos Braga – de noviço, clérigo, até inspetor –, concretizando-se em adiamentos prudenciais e assumindo às vezes a forma de maledicência: mas ele já terá aprendido a enfrentá-las. Enquanto isso, torna-se um homem capaz de irradiar uma alegria extraordinária, humilde, ativo e de delicada ironia: todas características que dizem do equilíbrio da pessoa e seu senso de realidade. Sob a ação do Espírito Santo, o P. Braga desenvolve ele mesmo uma paternidade radiante, à qual se une uma grande ternura pelos jovens a ele confiados. O P. Braga redescobre o amor por seu pai, o perdoo e inicia uma viagem para se reconciliar com ele. Submete-se a fadigas sem número para estar sempre entre seus Salesianos e jovens. Define-se como aquele que foi "colocado na vinha para servir como uma estaca", ou seja, na sombra, mas para o bem dos outros. Um pai, ao confiar seu filho a ele como aspirante salesiano, diz: "Com um homem assim, deixo você ir até o Polo Norte!". O P. Carlos não se escandaliza com as necessidades dos filhos, ao

contrário, os educa a manifestá-las, a aumentar o desejo: “Você precisa de algum livro? Não tenha medo, escreva uma lista mais longa”. Acima de tudo, o P. Carlos aprendeu a lançar sobre os outros aquele olhar de amor do qual ele mesmo se sentiu alcançado um tempo atrás graças à irmã Judite e ao P. Rua. Testemunha o P. José Zen, hoje cardeal, num longo trecho que merece ser lido integralmente e que começa com as palavras de sua mãe a ao P. Braga:

“Veja, Padre, este garoto não é mais tão bom. Talvez não seja adequado para ser aceito neste instituto. Eu não gostaria que o senhor fosse enganado. Ah, se soubesse como ele me fez desesperar neste último ano! Eu realmente não sabia mais o que fazer. E se ele fizer o senhor desesperar aqui também, me avise, que eu venho buscá-lo imediatamente”. O P. Braga, em vez de responder, olhava nos meus olhos; eu também o olhava, mas de cabeça baixa. Sentia-me como um réu acusado pelo Ministério Público, em vez de defendido pelo próprio advogado. Mas o juiz estava do meu lado. Com o olhar, ele me compreendeu profundamente, imediatamente e melhor do que todas as explicações de minha mãe. Ele mesmo, escrevendo-me muitos anos depois, aplicava a si as palavras do Evangelho: “*Intuitus dilexit eum* (‘olhando-o, o amou’)”. E desde aquele dia não tive mais dúvidas sobre minha vocação.

## **5. Ana Maria Lozano Díaz e a fecunda doença do pai**

Os pais de Laura e de Carlos se revelaram – a vários títulos – “distantes” e “ausentes”. Uma última figura, a de Ana Maria, atesta, ao contrário, o dinamismo oposto: o de um pai *demasiadamente* presente, que com sua presença abre à filha um novo caminho de santificação. Ana nasceu em 24 de setembro de 1883 em Oicatà, na Colômbia, numa família numerosa, caracterizada pela exemplar vida cristã dos pais. Quando Ana é muito jovem, o pai – um dia, ao se lavar – descobre uma mancha suspeita na perna. É a terrível lepra, que ele consegue esconder por algum tempo, mas é forçado a reconhecer, aceitando primeiro se separar da família, depois

se reunir a ela no lazareto de Agua de Dios. A esposa lhe disse heroicamente: “Seu destino é o nosso”. Assim, os saudáveis aceitam os condicionamentos que advêm de assumir o ritmo dos doentes. Nesse momento, a doença do pai condiciona a liberdade de escolha de Ana Maria, forçada a projetar sua vida no lazareto. Ela também – como já havia acontecido com Laura – se vê impossibilitada de realizar sua vocação religiosa devido à doença paterna: experimenta então, interiormente, aquela laceração que a lepra opera nos doentes. No entanto, Ana Maria não está sozinha. Como Dom Bosco encontrou um amigo da alma, graças ao P. Calosso, assim Laura o encontrou no confessor e Carlos no P. Rua. É o beato P. Luís Variara, salesiano, que lhe assegura: “Se você tem vocação religiosa, ela se realizará”, e a envolve na fundação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em 1905. É o primeiro Instituto a acolher em seu interior leprosas ou filhas de leprosos. Quando a Ir. Lozano morre, em 5 de março de 1982, quase aos 99 anos, Madre Geral por mais de meio século, a intuição do salesiano P. Variara já se concretizou em uma experiência que confirmou e reforçou a dimensão vital-reparadora do carisma salesiano.

## **6. Os santos ensinam**

Nas suas inelimináveis diferenças, as histórias de Laura Vicuña (beata), Carlos Braga e Ana Maria Lozano (servos de Deus) são unidas por alguns aspectos dignos de nota:

a) Laura, Ana e Carlos, como já Don Bosco, sofrem situações de sofrimento e de dificuldade, por vários títulos relacionadas aos seus pais. Não se pode esquecer de Mãe Margarida, que se vê obrigada a afastar Joãozinho de casa quando a ausência da autoridade paterna facilita a oposição com o irmão Antônio; nem esquecer que Laura foi assediada por Mora e rejeitada pelas Filhas de Maria Auxiliadora como sua aspirante; que Carlos Braga sofreu incompreensões e calúnias; ou que a lepra do pai parece em certo momento retirar de Ana Maria toda esperança de futuro.

Uma família por vários títulos ferida causa, portanto, um *dano objetivo* a quem dela faz parte: desconhecer

ou tentar reduzir a magnitude desse dano seria uma empreitada tão ilusória quanto injusta. A cada sofrimento se associa, de fato, um elemento de perda que os “santos”, com seu realismo, interceptam e aprendem a chamar pelo nome.

b) Joãozinho, Laura, Ana Maria e Carlos realizam neste ponto um segundo passo, mais árduo que o primeiro: em vez de sofrer passivamente a situação, ou de se queixar dela, movem-se com crescente consciência em direção ao problema. Além de um vivo realismo, atestam a capacidade, típica dos santos, de reagir prontamente, evitando o recuo autorreferencial. Eles se dilatam no dom e inserem esse dom nas condições concretas de vida. Ao fazer isso, unem o “*da mihi animas*” ao “*caetera tolle*”.

c) Os limites e as feridas, assim, nunca são removidos: mas sempre reconhecidos e chamados pelo nome; inclusive, são “*habitados*”. Também a beata Alexandrina Maria da Costa e o servo de Deus Nino Baglieri, o venerável André Beltrami e o beato Augusto Czartoryski, “alcançados” pelo Senhor nas condições incapacitantes de sua doença, o beato Tito Zeman, o venerável José Vandor e o servo de Deus Ignácio Stuchlý – parte de histórias maiores que eles e que parecem sobrepujá-los – ensinam a difícil arte de permanecer nas dificuldades e permitir que o Senhor faça florescer a pessoa nelas. A liberdade de escolha assume aqui a forma altíssima de uma liberdade de adesão, no “*fiat!*”.

#### *Nota Bibliográfica:*

Para preservar o caráter de “testemunho” e não de “relação” deste escrito, evitou-se um aparato crítico de notas. No entanto, ressalta-se que as citações presentes no texto são extraídas das *Memórias do Oratório* do P. João Bosco; de Maria Dosio, *Laura Vicuña: um caminho de santidade juvenil salesiana*, LAS, Roma, 2004; de P. Carlo Braga *conta sua experiência missionária e pedagógica* (testemunho autobiográfico do servo de Deus) e da *Vida do P. Carlos Braga; “o Dom Bosco da China”*, escrita pelo salesiano P. Mário Rassiga e hoje disponível em forma mimeografada. A essas

fontes se somam os materiais dos Processos de beatificação e canonização, acessíveis para Don Bosco e Laura, ainda reservados para os servos de Deus.

---

# **Beato Alberto Marvelli: um farol de fé e compromisso social no século XX**

*No panorama das grandes testemunhas de fé do século XX, o nome de Alberto Marvelli brilha como um exemplo luminoso de dedicação cristã e compromisso social. Nascido em Ferrara em 1918 e vivendo em Rímini no pós-guerra, Alberto encarnou os valores do Evangelho por meio de uma vida dedicada ao serviço dos mais fracos e necessitados. Beatificado pelo Papa João Paulo II em 2004, sua figura continua a inspirar jovens e adultos no caminho da fé e da ação social.*

## **Uma infância de valores e espiritualidade**

Alberto Marvelli nasceu em 21 de março de 1918, o segundo dos sete filhos de Alfredo Marvelli e Maria Mayr. Sua família, profundamente cristã, incutiu nele, desde cedo, valores de fé, caridade e serviço. Sua mãe, em particular, teve grande influência em sua formação espiritual, transmitindo-lhe o amor pela oração e a preocupação com os necessitados. A família Marvelli era conhecida por sua generosidade e hospitalidade, muitas vezes abrindo sua casa para qualquer pessoa necessitada.

Durante os anos de ensino médio em Rímini, Alberto se destacou não apenas pela excelência nos estudos, mas também por seu compromisso com os esportes e as atividades sociais. Apaixonado por ciclismo e atletismo, ele via o esporte como um

meio de fortalecer o caráter e promover valores como lealdade e disciplina.

### **Seus anos de universidade e vocação social**

Matriculado na Faculdade de Engenharia Mecânica da Universidade de Bolonha, Alberto enfrentou seus estudos com seriedade e paixão. Mas, além de seu compromisso acadêmico, ele dedicou tempo e energia à Ação Católica, um movimento que desempenhou um papel fundamental em seu crescimento espiritual e compromisso social. Ele organizava grupos de estudo, reuniões espirituais e projetos de voluntariado, envolvendo seus colegas de universidade em iniciativas em favor dos menos afortunados.

Seu quarto se tornou um ponto de encontro para discussões sobre questões sociais e religiosas. Ali, Alberto incentivava seus companheiros a refletir sobre o papel dos leigos na Igreja e na sociedade, promovendo a ideia de que todo cristão é chamado a ser uma testemunha ativa do Evangelho no mundo.

### **Guerra: um teste de fé e coragem**

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Alberto foi chamado às armas. Mesmo no ambiente militar, ele não deixou de dar testemunho de sua fé, compartilhando momentos de oração com seus colegas soldados e oferecendo apoio moral em um momento de grande incerteza e medo.

Depois de 8 de setembro de 1943, com o armistício italiano, ele retornou a Rímini, encontrando uma cidade devastada pelos bombardeios e pela ocupação nazista. Nesse contexto dramático, Alberto se envolveu ativamente na Resistência, ajudando prisioneiros aliados e judeus a escapar das mãos dos nazistas. Ele arriscou sua própria vida em várias ocasiões, demonstrando uma coragem extraordinária e uma fé inabalável.

### **Caridade sem fronteiras**

Uma das imagens mais emblemáticas de Alberto é a dele andando de bicicleta pelas ruas destruídas de Rímini, carregado de alimentos, roupas e remédios para serem distribuídos aos necessitados. Sua bicicleta se tornou um símbolo de esperança

para muitos cidadãos. Ele não fazia distinção entre as pessoas: ajudava italianos, estrangeiros, amigos e inimigos, vendo em todos o rosto do Cristo sofredor.

Ele abriu as portas de sua casa para os desabrigados, organizou sopões para os pobres e trabalhou para encontrar moradia para os sem-teto. Sua dedicação era total e incondicional. Como ele escreveu em seu diário: “Cada pessoa pobre é Jesus. Todo ato de caridade é um ato de amor para com Ele”.

### **Vida interior e profunda espiritualidade**

Apesar de seus compromissos sociais e políticos, Alberto nunca negligenciou sua vida espiritual. Ele participava da Eucaristia diariamente, dedicava tempo à oração e à meditação e confiava constantemente na Providência divina. Seu diário pessoal revela uma profunda união com Deus e um desejo ardente de se conformar com a vontade de Deus em todos os aspectos de sua vida.

Ele escreveu: “Deus é minha felicidade infinita. Preciso ser santo, caso contrário, nada”. Essa busca pela santidade permeava todos os seus gestos, grandes ou pequenos. A confissão regular, a adoração eucarística e a leitura das Sagradas Escrituras eram momentos essenciais de crescimento espiritual para ele.

### **Compromisso político como uma forma de caridade**

No período pós-guerra, Alberto se envolveu ativamente na reconstrução moral e material da sociedade. Ele se juntou aos democratas cristãos, vendo a política como um meio de promover o bem comum e a justiça social. Para ele, a política era uma forma elevada de caridade, um serviço altruísta à comunidade. Como conselheiro de Obras Públicas em Rimini, trabalhou incansavelmente para melhorar as condições de moradia dos pobres, promoveu a reconstrução de escolas e hospitais e apoiou iniciativas para o renascimento econômico da cidade. Ele recusou qualquer forma de corrupção ou compromisso moral, sempre colocando as necessidades dos mais vulneráveis no

centro.

### **Testemunhos de uma vida extraordinária**

Há muitos testemunhos daqueles que conheceram Alberto pessoalmente. Amigos e colegas se lembram de seu sorriso, sua disponibilidade e sua capacidade de ouvir. Ele costumava dizer: “Não podemos amar a Deus se não amarmos nossos irmãos”. Essa convicção se traduzia em gestos concretos, como hospedar famílias desabrigadas em sua casa ou abrir mão de sua própria refeição para dá-la aos famintos.

Seu estilo de vida simples e austero, combinado com uma profunda alegria interior, atraiu a admiração de muitos. Ele nunca buscou reconhecimento ou glória pessoal, mas sempre agiu com humildade e discrição.

### **Tragédia e beatificação**

Em 5 de outubro de 1946, com apenas 28 anos de idade, Alberto morreu tragicamente em um acidente de carro quando ia de bicicleta para um comício eleitoral. Sua morte repentina foi um golpe para a comunidade. No entanto, seu funeral se tornou uma manifestação de afeto e gratidão: milhares de pessoas se reuniram para prestar homenagem a um jovem que havia dado tudo de si pelos outros.

A reputação de santidade que cercava sua figura levou ao início do processo de beatificação na década de 1990. Em 5 de setembro de 2004, durante uma cerimônia em Loreto, o Papa João Paulo II o proclamou beato. A beatificação não foi apenas um reconhecimento pessoal, mas também uma mensagem para os jovens de todo o mundo: a santidade é possível em todos os estados da vida, mesmo nos leigos e no compromisso social e político.

### **Legado e atualidade**

A figura de Alberto Marvelli continua a ser um ponto de referência para qualquer pessoa que deseje combinar fé e ação social. Sua vida testemunha que é possível viver o Evangelho na vida cotidiana, comprometendo-se com a justiça, a solidariedade e o bem comum. Em uma época caracterizada pelo individualismo e pela indiferença, o exemplo de Alberto nos

convida a redescobrir o valor do amor ao próximo e da responsabilidade social.

Hoje, várias associações e iniciativas levam seu nome, promovendo projetos de solidariedade, formação espiritual e engajamento cívico. Sua vida é frequentemente citada como exemplo em cursos educativos e catequéticos, inspirando novas gerações a seguir seu caminho.

### **Reflexões finais**

A mensagem de Alberto Marvelli é extraordinariamente atual. Sua capacidade de unir fé profunda e ação concreta é uma resposta aos desafios de nosso tempo. Ele mostra que a santidade não está reservada a poucos escolhidos, mas é um caminho acessível a qualquer pessoa que esteja aberta ao amor de Deus e ao serviço de seus irmãos e irmãs.

Em uma passagem de seu diário, Alberto escreveu: “Cada dia é um presente precioso para amar mais”. Essa frase resume a essência de sua espiritualidade e pode ser um farol para todos aqueles que desejam viver uma vida significativa e voltada para o bem.

O Beato Alberto Marvelli representa um modelo de santidade leiga, um jovem que foi capaz de transformar sua fé em ações concretas para o benefício dos outros. Sua vida, embora curta, foi um hino ao amor, à justiça e à esperança. Hoje, mais do que nunca, seu testemunho convida cada um de nós a refletir sobre nosso papel na sociedade e a possibilidade de sermos instrumentos de paz e bem no mundo.

*Alberto Marvelli continua a inspirar com sua vida simples e extraordinária. Um convite a todos nós para percorrermos, como ele, as estradas da solidariedade e do amor fraterno.*

---

# São Francisco de Sales estudante universitário em Pádua (2/2)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

## Medicina

Juntamente com as faculdades de direito e teologia, os estudos de medicina e botânica gozavam de extraordinário prestígio em Pádua, especialmente depois que o médico flamengo André Vesálio, o pai da anatomia moderna, desferiu um golpe mortal nas antigas teorias de Hipócrates e Galeno com a prática de dissecar o corpo humano, o que escandalizou as autoridades estabelecidas. Vesálio havia publicado seu *De humani corporis fabrica [da organização do corpo humano]* em 1543, que revolucionou o conhecimento da anatomia humana. Para obter cadáveres, os corpos dos executados eram solicitados ou os mortos eram desenterrados, o que não acontecia sem provocar as disputas, às vezes sangrentas, dos coveiros.

No entanto, várias constatações podem ser feitas. Em primeiro lugar, sabe-se que, durante a grave doença que o prostrou em Pádua no final de 1590, ele decidiu doar seu corpo para a ciência, se morresse, e isso para evitar brigas entre os estudantes de medicina que pretendiam procurar cadáveres. Será que ele aprovava o novo método de dissecação do corpo humano? De qualquer forma, ele parecia incentivá-lo com esse gesto tão discutido. Além disso, é possível detectar nele um interesse permanente por problemas de saúde, médicos e cirurgiões. Há uma grande diferença, ele escreveu, por exemplo, entre o bandido e o cirurgião: “O bandido e o cirurgião cortam os membros e fazem o sangue fluir, um para matar, o outro para curar”.

Também em Pádua, no início do século XVII, um médico inglês, William Harvey, descobriu as regras da

circulação sanguínea. O coração realmente se tornou o autor da vida, o centro de tudo, o sol, como o príncipe em seu Estado. Embora o médico inglês só tenha publicado suas descobertas em 1628, é possível supor que, na época em que Francisco era estudante, essa pesquisa já estava em andamento. Ele mesmo escreveu, por exemplo, que “*cor habet motum in se proprium et alia movere facit*”, ou seja, que “o coração tem dentro de si um movimento que lhe é próprio e que faz todo o resto se mover”. Citando Aristóteles, ele afirmará que “o coração é o primeiro membro que vive em nós e o último que morre”.

## **Botânica**

Provavelmente durante sua estada em Pádua, Francisco também se interessou pelas ciências naturais. Ele não poderia ignorar o fato de que na cidade havia o primeiro jardim botânico, criado para cultivar, observar e fazer experimentos com plantas nativas e exóticas. As plantas eram ingredientes da maioria dos medicamentos e seu uso para fins terapêuticos baseava-se principalmente em textos de autores antigos, nem sempre confiáveis. Possuímos oito coleções de *Similitudes* de Francesco, provavelmente compiladas entre 1594 e 1614, mas cuja origem pode ser rastreada até Pádua. O título dessas pequenas coleções de imagens e comparações tiradas da natureza certamente manifesta seu caráter utilitário; seu conteúdo, por outro lado, atesta um interesse quase enciclopédico, não apenas no mundo vegetal, mas também no mineral e animal.

Francisco de Sales consultou os autores antigos, que em seu tempo gozavam de uma autoridade indiscutível sobre o assunto: Plínio, o Velho, autor de uma vasta *História Natural*, verdadeira enciclopédia da época, mas também Aristóteles (autor da *História dos Animais* e da *Geração dos Animais*), Plutarco, Teofrasto (autor da *História das Plantas*) e até Santo Agostinho e Santo Alberto Magno. Ele também conhecia autores contemporâneos, em particular os *Comentários a Dioscórides* do naturalista italiano Pedro André Mattioli.

O que fascinava Francisco de Sales era a

misteriosa relação entre a história natural e a vida espiritual do homem. Para ele, escreve A. Ravier, “toda descoberta é portadora de um segredo da criação”. As virtudes particulares de certas plantas são maravilhosas: “Plínio e Mattioli descrevem uma erva que é salutar contra a peste, cólicas e pedras nos rins, convidando-nos a cultivá-la em nossos jardins”. Ao longo dos muitos caminhos que percorreu durante sua vida, nós o vemos atento à natureza, ao mundo ao seu redor, à sucessão das estações e seu misterioso significado. O livro da natureza lhe parecia uma imensa Bíblia que ele tinha de aprender a interpretar, e é por isso que ele chamava os Padres da Igreja de “herboristas espirituais”. Quando exercia a direção espiritual de pessoas muito diferentes, ele se lembrava de que “no jardim, cada erva e cada flor requerem cuidados especiais”.

### **Programa de vida pessoal**

Durante sua estada em Pádua, uma cidade onde havia mais de quarenta mosteiros e conventos, Francisco recorreu novamente aos jesuítas para sua direção espiritual. Enfatizando, como é apropriado, o papel de liderança dos jesuítas na formação do jovem Francisco de Sales, deve-se dizer, entretanto, que eles não foram os únicos. Uma grande admiração e amizade o uniu ao P. Filipe Gesualdi, um pregador franciscano do famoso convento de Santo Antônio de Pádua. Ele frequentava o convento dos Teatinos, onde o P. Lourenço Scupoli vinha de tempos em tempos para pregar. Lá ele descobriu o livro intitulado *Combattimento spirituale* (Combate Espiritual), que lhe ensinou a dominar as inclinações da parte inferior da alma. Francisco de Sales “escreveu não poucas coisas”, afirmou Camus, “das quais descobri imediatamente a semente e o germe em algumas passagens do referido *Combate*”. Durante sua estada em Pádua, ele também parece ter se dedicado a uma atividade educacional em um orfanato.

Sem dúvida, foi devido à influência benéfica desses professores, em particular do P. Possevino, que Francisco escreveu várias regras de vida, das quais

sobreviveram fragmentos significativos. A primeira, intitulada *Exercício da Preparação*, era um exercício mental a ser realizado pela manhã: Escreveu: “Vou me esforçar, por meio dele, para me preparar para tratar e cumprir meu dever da maneira mais louvável”. Consistia em imaginar tudo o que poderia lhe acontecer durante o dia: “Portanto, pensarei seriamente nos imprevistos que podem me acontecer, nas companhias onde posso ser obrigado a intervir, nos eventos que podem me ocorrer, nos lugares onde as pessoas tentarão me persuadir a ir”. E aqui está o objetivo do exercício:

*Estudarei diligentemente e buscarei as melhores maneiras de evitar erros. Assim, disporei e determinarei em mim mesmo o que será conveniente que eu faça, a ordem e o comportamento que terei de manter nesta ou naquela circunstância, o que será oportuno dizer em companhia, o comportamento que terei de observar e o que terei de fugir e desejar.*

Na *Conduta particular para passar bem o dia*, o aluno identificou as principais práticas de piedade que pretendia realizar: orações matinais, missa diária, tempo de “descanso espiritual”, orações e invocações durante a noite. No *Exercício do Sono ou Descanso Espiritual*, ele especificava os assuntos nos quais deveria concentrar suas meditações. Ao lado dos temas clássicos, como a vaidade deste mundo, a detestação do pecado, a justiça divina, ele havia reservado um espaço para considerações, com um sabor humanista, sobre a “excelência da virtude”, que “torna o homem belo interiormente e também exteriormente”, sobre a beleza da razão humana, essa “tocha divina” que espalha um “esplendor maravilhoso”, bem como sobre a “sabedoria infinita, onipotência e bondade incompreensível” de Deus. Outra prática de piedade era dedicada à comunhão frequente, sua preparação e ação de graças. Há um avanço na frequência da comunhão em comparação com o período parisiense.

Quanto às *Regras para as Conversas e os Encontros*, elas são de particular interesse do ponto de vista da educação

social. Contêm seis pontos que o aluno se propôs a observar. Em primeiro lugar, era preciso fazer uma distinção clara entre simples encontros, em que “a companhia é momentânea”, e “conversas”, em que a afetividade entra em jogo. No que diz respeito aos encontros, lê-se esta regra geral:

*Jamais desprezarei ou darei a impressão de evitar completamente o encontro com qualquer pessoa; isso poderia dar motivo para parecer altivo, soberbo, severo, arrogante, condenador, ambicioso e controlador. [...] Não tomarei a liberdade de dizer ou fazer qualquer coisa que não se encaixe na medida, para não parecer insolente, deixando-me levar por uma familiaridade fácil demais. Acima de tudo, tomarei cuidado para não machucar, ferir ou zombar de ninguém [...]. Respeitarei cada um em particular, observarei a modéstia, falarei pouco e bem, para que os companheiros retornem a um novo encontro com prazer e não com tédio.*

Com relação às conversas, um termo que na época tinha um significado amplo de conhecimento habitual ou companheirismo, Francisco era mais cauteloso. Ele queria ser “amigo de todos e familiar de poucos”, e sempre fiel à única regra que não permitia exceção: “Nada contra Deus”.

Quanto ao resto, ele escreveu: “Serei modesto sem insolência, livre sem austeridade, gentil sem afetação, ceder sem contradição, a menos que a razão sugira o contrário, cordial sem dissimulação”. Ele se comportaria de maneira diferente com superiores, iguais e inferiores. Sua regra geral era “adaptar-se à variedade de companhias, mas sem prejudicar a virtude de forma alguma”. Ele dividia as pessoas em três categorias: os impetuosos, os livres e os fechados. Ele permanecerá imperturbável diante de pessoas insolentes, será aberto com pessoas livres (ou seja, simples e acolhedoras) e será muito prudente com pessoas melancólicas, muitas vezes cheias de curiosidade e suspeita. Com os adultos, por fim, ele se obrigará a ficar em guarda, a lidar com eles “como com fogo” e a não se aproximar demais. É claro que se poderia

testemunhar a eles sobre o amor, porque o amor “gera liberdade”, mas o que deve predominar é o respeito que “gera modéstia”.

É fácil ver o grau de maturidade humana e espiritual que o estudante de direito havia alcançado até então. Prudência, sabedoria, modéstia, discernimento e caridade são as qualidades que saltam aos olhos em seu programa de vida, mas há também uma “liberdade honesta”, uma atitude benevolente para com todos e um fervor espiritual incomum. Isso não o impediu de passar por momentos difíceis em Pádua, dos quais talvez haja reminiscências em uma passagem da *Filoteia* em que ele afirma que “um jovem ou uma senhorita que não se comporte bem na fala, no jogo, na dança, na bebida ou no vestuário com a indisciplina de uma companhia debochada será ridicularizado e zombado pelos outros, e sua modéstia será chamada de fanatismo ou afetação”.

### **Retorno à Saboia**

Em 5 de setembro de 1591, Francisco de Sales coroou todos os seus estudos com um brilhante doutorado *in utroque jure*. Ao despedir-se da Universidade de Pádua, partiu, segundo ele, “daquela colina em cujo cume, sem dúvida, habitam as Musas como em outro Parnaso”.

Antes de deixar a Itália, era apropriado visitar esse país tão rico em história, cultura e religião. Com Déage, Gallois e alguns amigos da Saboia, eles partiram no final de outubro para Veneza, depois para Ancona e para o santuário de Loreto. Seu destino final era chegar a Roma. Infelizmente, a presença de bandidos, encorajados pela morte do Papa Gregório XIV, e também a falta de dinheiro não permitiram que eles fizessem isso.

Em seu retorno a Pádua, ele retomou o estudo do *Código* por algum tempo, incluindo o relato da viagem. Mas no final do ano de 1591, ele desistiu por causa do cansaço. Era hora de pensar em retornar à sua terra natal. De fato, o retorno à Saboia ocorreu no final de fevereiro de 1592.

---

# São Francisco de Sales estudante universitário em Pádua (1/2)

Francisco foi para Pádua, cidade pertencente à República de Veneza, em outubro de 1588, acompanhado de seu irmão cadete Gallois, um garoto de 12 anos que estudaria com os jesuítas, e de seu fiel tutor, P. Déage. No final do século XVI, a faculdade de direito da Universidade de Pádua gozava de uma reputação extraordinária, superando até mesmo a do famoso Studium de Bolonha. Quando proferiu seu *Discurso de Agradecimento* após sua promoção a doutor, Francisco de Sales teceu seus elogios em forma ditirâmbica:

*Até aquele momento, eu não havia dedicado nenhum trabalho à santa e sagrada ciência do Direito: mas quando, depois, decidi me dedicar a esse estudo, não tive absolutamente nenhuma necessidade de procurar para onde me voltar ou para onde ir; esse colégio de Pádua imediatamente me atraiu por sua celebridade e, sob os auspícios mais favoráveis; de fato, naquela época, tinha doutores e professores tão célebres como nunca teve e nunca mais terá.*

Independentemente do que ele possa dizer, é certo que a decisão de estudar direito não partiu dele, mas lhe foi imposta por seu pai. Outros motivos podem ter jogado a favor de Pádua, como a necessidade que o Senado de um estado bilíngue tinha de magistrados com uma cultura dupla, francesa e italiana.

## **Na pátria do humanismo**

Atravessando os Alpes pela primeira vez, Francisco

de Sales pisou na pátria do humanismo. Em Pádua, ele pôde admirar não apenas os palácios e as igrejas, especialmente a basílica de Santo Antônio, mas também os afrescos de Giotto, os bronzes de Donatello, as pinturas de Mantegna e os afrescos de Ticiano. Sua estadia na península italiana também permitiu que ele conhecesse várias cidades artísticas, em especial Veneza, Milão e Turim.

No nível literário, ele não poderia deixar de estar em contato com algumas das produções mais famosas. Será que ele tinha em suas mãos a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, os poemas de Petrarca, precursor do humanismo e primeiro poeta de seu tempo, as novelas de Boccaccio, fundador da prosa italiana, *Orlando furioso* de Ariosto ou *Jerusalém libertada* de Tasso? Sua preferência era pela literatura espiritual, em especial a leitura atenta de *Combate Espiritual*, de Lorenzo Scupoli. Ele reconheceu com modéstia: “Acho que não falo um italiano perfeito”.

Em Pádua, Francisco teve a sorte de conhecer um jesuíta ilustre, o P. Antônio Possevino. Esse “humanista errante da vida épica”, que havia sido encarregado pelo papa de missões diplomáticas na Suécia, Dinamarca, Rússia, Polônia e França, fixou residência permanente em Pádua pouco antes da chegada de Francisco. Ele se tornou seu diretor espiritual e guia em seus estudos e conhecimento do mundo.

## **A Universidade de Pádua**

Fundada em 1222, a Universidade de Pádua era a universidade mais antiga da Itália depois de Bolonha, da qual era um desdobramento. Ela ensinava com sucesso não apenas direito, considerado como a *scientia scientiarum* [ciência das ciências], mas também teologia, filosofia e medicina. Os cerca de 1.500 alunos vinham de toda a Europa e nem todos eram católicos, o que às vezes gerava preocupações e agitação.

As brigas eram frequentes, às vezes sangrentas. Um dos jogos perigosos favoritos era a “caça aos paduanos”. Francisco de Sales um dia contaria a um amigo, João-Pedro Camus, “que um estudante, depois de golpear um estranho com

uma espada, refugiou-se com uma mulher que descobriu ser a mãe do jovem que acabara de assassinar”. Ele mesmo, que não circulava sem uma espada, um dia foi envolvido em uma briga por colegas estudantes, que julgaram sua gentileza como uma forma de covardia.

Tanto os professores quanto os alunos apreciavam a proverbial *patavinam libertatem* [liberdade de Pádua], que, além de ser cultivada na busca intelectual, também incitava um bom número de alunos a “agitar-se”, entregando-se à boa vida. Mesmo os discípulos mais próximos de Francisco não eram modelos de virtude. A viúva de um deles contaria mais tarde, em sua linguagem pitoresca, como seu futuro marido havia encenado uma farsa de mau gosto com alguns cúmplices, destinada a jogar Francisco nos braços de uma “prostituta miserável”.

## **O estudo do direito**

Para obedecer a seu pai, Francisco dedicou-se corajosamente ao estudo do direito civil, ao qual queria acrescentar o do direito eclesiástico, que o tornaria um futuro doutor *in utroque jure* [em direito civil e eclesiástico]. O estudo da lei também envolvia o estudo da jurisprudência, que é “a ciência por meio da qual a lei é administrada”.

O estudo se concentrou nas fontes do direito, ou seja, no antigo direito romano, coletado e interpretado no século VI pelos juristas do imperador Justiniano. Ao longo de sua vida, ele se lembraria da definição de justiça, lida no início do *Digesto*: “uma vontade perpétua, forte e constante de dar a cada um o que lhe pertence”.

Examinando os cadernos de Francisco, podemos identificar algumas de suas reações a certas leis. Ele está de pleno acordo com o título do Código que abre a série de leis: *Da Soberana Trindade e da Fé Católica*, e com a defesa que vem logo em seguida: *Que ninguém deve ter permissão para discutilas em público*. “Esse título”, observou ele, “é precioso, eu diria sublime, e digno de ser lido com frequência contra

reformadores, sabichões e políticos”.

A educação jurídica de Francisco de Sales se baseou em um fundamento que parecia inquestionável na época. Para os católicos de seu tempo, “tolerar” o protestantismo não poderia ter outro significado senão o de ser cúmplice do erro; daí a necessidade de combatê-lo e por todos os meios, inclusive os previstos pela lei em vigor. Em nenhuma circunstância era possível se conformar com a presença da heresia, que aparecia não apenas como um erro no nível da fé, mas também como uma fonte de divisão e perturbação no cristianismo. Na ânsia de seus vinte anos, Francisco de Sales compartilhava essa visão.

Mas essa ânsia também tinha rédea solta sobre aqueles que favoreciam a injustiça e a perseguição, pois, com relação ao Título XXVI do Livro III, ele escreveu: “É tão preciosa quanto o ouro e digna de ser escrita em letras maiúsculas a nona lei, que diz: Que os parentes do príncipe sejam punidos com fogo se perseguirem os habitantes das províncias”.

Mais tarde, Francisco apelaria para aquele que ele designou como “nosso Justiniano” para denunciar a lentidão da justiça por parte do juiz, que “se desculpa invocando mil razões de costume, estilo, teoria, prática e cautela”. Em suas aulas sobre direito eclesiástico, ele estudou a coleção de leis que usaria mais tarde, em particular as do canonista medieval Graciano, entre outras coisas para demonstrar que o bispo de Roma é o “verdadeiro sucessor de São Pedro e chefe da Igreja militante” e que os religiosos e religiosas devem ser colocados “sob a obediência dos bispos”.

Consultando as anotações manuscritas feitas por Francisco durante sua estada em Pádua, chama a atenção a caligrafia extremamente caprichada. Ele passou da escrita gótica, ainda usada em Paris, para a escrita moderna dos humanistas.

Mas, no final, seus estudos de direito devem tê-lo entediado bastante. Em um dia quente de verão, diante da frieza das leis e de seu distanciamento no tempo, ele

escreveu, desiludido, o seguinte comentário: “Como esses assuntos são antigos, não parecia proveitoso dedicar-se a examiná-los neste clima canicular, que é quente demais para lidar confortavelmente com discussões frias e arrepiantes”.

### **Estudos teológicos e crise intelectual**

Embora dedicado ao estudo do direito, Francisco continuou a se interessar pela teologia. De acordo com seu sobrinho, quando chegou a Pádua, “ele começou a trabalhar com toda a diligência possível e colocou na estante de seu quarto a *Summa* do Doutor Angélico, Santo Tomás, para que pudesse tê-la diante dos olhos todos os dias e consultá-la facilmente para entender outros livros. Ele gostava muito de ler os livros de São Boaventura. Adquiriu um bom conhecimento dos Padres latinos, especialmente dos “dois brilhantes luminares da Igreja”, “o grande Santo Agostinho” e São Jerônimo, que também eram “dois grandes capitães da Igreja antiga”, sem esquecer o “glorioso Santo Ambrósio” e São Gregório Magno. Entre os Padres gregos, ele admirava São João Crisóstomo “que, por causa de sua sublime eloquência, foi elogiado e chamado de Boca de Ouro”. Ele também citava com frequência São Gregório de Nazianzo, São Basílio, São Gregório de Nissa, Santo Atanásio, Orígenes e outros.

Consultando os fragmentos de anotações que chegaram até nós, ficamos sabendo que ele também lia os autores mais importantes de seu tempo, em particular o grande exegeta e teólogo espanhol João Maldonado, um jesuíta que havia estabelecido com sucesso novos métodos no estudo dos textos das Escrituras e dos Padres da Igreja. Além do estudo pessoal, Francisco pôde fazer cursos de teologia na universidade, onde o P. Déage estava preparando seu doutorado, e se beneficiar da ajuda e dos conselhos do P. Possevino. Sabe-se também que ele visitava com frequência os franciscanos, na Basílica de Santo Antônio.

Sua reflexão se concentrou novamente no problema da predestinação e da graça, a ponto de encher cinco cadernos. Na realidade, Francisco se viu diante de um dilema: permanecer

fiel às convicções que sempre foram suas ou ater-se às posições clássicas de Santo Agostinho e Santo Tomás, “o maior e incomparável doutor”. Agora ele achava difícil “simpatizar” com uma doutrina tão desanimadora desses dois mestres, ou pelo menos com a interpretação atual, segundo a qual os homens não têm direito à salvação, porque ela depende inteiramente de uma decisão livre de Deus.

Em sua adolescência, Francisco havia formado uma visão mais otimista do plano de Deus. Suas convicções pessoais foram reforçadas após o aparecimento, em 1588, do livro do jesuíta espanhol Luís Molina, cujo título em latim *Concordia* resumia bem a tese: *Concordia do Livre Arbítrio com o Dom da Graça*. Nessa obra, a predestinação no sentido estrito foi substituída por uma predestinação que levava em conta os méritos do homem, ou seja, suas boas ou más ações. Em outras palavras, Molina afirmou tanto a ação soberana de Deus quanto o papel decisivo da liberdade que ele concedeu ao homem.

Em 1606, o bispo de Genebra teria a honra de ser consultado pelo papa sobre a disputa teológica entre o jesuíta Molina e o dominicano Domingo Báñez sobre a mesma questão, para quem a doutrina de Molina concedia autonomia demais à liberdade humana, sob o risco de comprometer a soberania de Deus.

O *Teótimo*, publicado em 1616, contém no capítulo 5 do livro III o pensamento de Francisco de Sales, resumido em “quatorze linhas”, que, segundo João Pedro Camus, lhe custou “a leitura de mil e duzentas páginas de um grande volume”. Com um esforço louvável para ser conciso e exato, Francisco afirmou tanto a liberalidade e a generosidade divinas quanto a liberdade e a responsabilidade humanas no ato de escrever essa frase de peso: “Cabe a nós sermos dele: pois, embora seja um dom de Deus pertencer a Deus, é um dom que Deus nunca recusa a ninguém; pelo contrário, Ele o oferece a todos, para concedê-lo àqueles que, de bom coração, consentirem em recebê-lo”.

Apropriando-se das ideias dos jesuítas, que, aos olhos de muitos, pareciam “inovadores” e que os jansenistas, com Brás Pascal, logo taxariam como maus teólogos, como

laxistas, Francisco de Sales enxertou sua teologia na corrente do humanismo cristão e optou pelo “Deus do coração humano”. A “teologia salesiana”, que se baseia na bondade de Deus, que quer a salvação de todos, também se apresentará com um convite premente à pessoa humana para responder com todo o “coração” aos apelos da graça.

[\(continua\)](#)

---

## **Nino, um jovem como tantos outros... encontra o propósito da vida em seu Senhor**

Nino Baglieri nasceu em Módica Alta em 1º de maio de 1951, filho de mamãe Josefa e do papai Pedro. Com apenas quatro dias de vida, foi batizado na Paróquia de Santo Antônio de Pádua. Cresceu como muitos garotos, com um grupo de amigos, algumas dificuldades durante os anos de escola e o sonho de um futuro marcado pelo trabalho e pela possibilidade de formar uma família.

Poucos dias depois de seu aniversário de dezessete anos, comemorado à beira-mar com amigos, em 6 de maio de 1968, dia da memória litúrgica de São Domingos Sávio, durante um dia de trabalho normal como pedreiro, Nino caiu 17 metros quando desabou o andaime do prédio – não muito longe de casa – no qual estava trabalhando: 17 metros, como Nino aponta em seu Diário, “1 metro para cada ano de vida”. “Meu estado de saúde”, conta ele, “era tão grave que os médicos esperavam minha morte a qualquer momento (até recebi a unção dos enfermos). [Um médico] fez uma proposta inusitada aos meus pais: ‘se o seu filho conseguisse superar esses momentos, o

que seria apenas o resultado de um milagre, seu destino seria passar a vida em uma cama; se vocês acreditarem, com uma punção letal, vocês e ele serão poupados de tanto sofrimento'. "Se Deus o quiser consigo", respondeu minha mãe, "leve-o; mas se ele o deixar viver, ficarei feliz em cuidar dele pelo resto da vida". Assim, minha mãe, que sempre foi uma mulher de muita fé e coragem, abriu os braços e o coração e foi a primeira a abraçar a cruz".

Nino também enfrentará anos difíceis de peregrinação em diferentes hospitais, onde terapias e operações dolorosas o testarão duramente, não resultando na recuperação desejada. Ele permanecerá tetraplégico pelo resto de sua vida.

Ao voltar para casa, acompanhado pelo afeto de sua família e pelo sacrifício heroico de sua mãe, que está sempre ao seu lado, Nino Baglieri encontra o olhar de amigos e conhecidos, mas com muita frequência vê neles uma pena que o perturba: "mischinu poviru Ninuzzu..." ("pobre coitado do Nino..."). Assim, ele acaba se fechando em si mesmo, em dez anos dolorosos de solidão e raiva. Foram anos de desespero e blasfêmia pela não aceitação de seu estado e de perguntas como: "Por que tudo isso aconteceu comigo?"

O ponto de virada ocorreu em 24 de março de 1978, véspera da Anunciação e – naquele ano – Sexta-feira Santa: um padre da Renovação no Espírito Santo foi visitá-lo com algumas pessoas e eles oraram por ele. Naquela manhã, Nino, ainda acamado, pediu à sua mãe que o vestisse: "Se o Senhor me curar, não ficarei nu na frente das pessoas". Lemos em seu diário: "Padre Aldo começou imediatamente a oração; eu estava ansioso e animado; ele colocou as mãos sobre minha cabeça; eu não entendia esse gesto; ele começou a invocar o Espírito Santo para que descesse sobre mim. Depois de alguns minutos, sob a imposição das mãos, senti um grande calor em todo o meu corpo, um grande formigamento, como se uma nova força entrasse em mim, uma força regeneradora, uma força viva, e algo antigo saísse. O Espírito Santo havia descido sobre mim; com poder ele entrou em meu coração; foi uma efusão de amor e vida; naquele instante aceitei a cruz, disse meu sim a Jesus e

renasci para uma nova vida; tornei-me um novo homem, com um novo coração; todo o desespero de 10 anos se apagou em poucos segundos; meu coração se encheu de uma alegria nova e verdadeira que eu nunca havia conhecido. O Senhor me curou; eu queria a cura física e, em vez disso, o Senhor operou algo maior, a cura do Espírito, de modo que encontrei paz, alegria, serenidade, muita força e muita vontade de viver. Quando terminei de orar, meu coração transbordou de alegria, meus olhos brilharam e meu rosto estava radiante; mesmo estando na mesma condição de sofrimento, eu estava feliz”.

Começou então um novo período para Nino Baglieri e sua família, um período de renascimento marcado em Nino pela redescoberta da fé e do amor pela Palavra de Deus, que ele leu por um ano consecutivo. Ele se abre para os relacionamentos humanos dos quais havia se afastado sem que os outros deixassem de amá-lo.

Um dia Nino, instigado por algumas crianças que estavam próximas a ele e lhe pediram para ajudá-las a fazer um desenho, percebeu que tinha o dom de escrever com a boca: em pouco tempo ele conseguiu escrever muito bem – melhor do que quando escrevia à mão – e isso lhe permitiu objetivar sua própria experiência, tanto na forma muito pessoal de numerosos Cadernos de Diário quanto por meio de poemas e poesias curtas que começou a ler no Rádio. Depois, com a expansão de sua rede de relacionamentos, milhares de cartas, amizades, encontros..., por meio dos quais Nino expressará uma forma particular de apostolado, até o fim de sua vida.

Enquanto isso, ele aprofunda sua jornada espiritual por meio de três diretrizes, que ritmam sua experiência eclesial, em obediência aos encontros que Deus coloca em seu caminho: a proximidade com a Renovação no Espírito Santo; a ligação com a realidade dos Camilianos (Ministros dos Enfermos); o caminho com os Salesianos, tornando-se antes Salesiano Cooperador e depois leigo consagrado no Instituto Secular de Voluntários com Dom Bosco (interpelado pelos delegados do Reitor-Mor, dá também uma contribuição na elaboração do Projeto de Vida dos CDB). Foram os camilianos que lhe propuseram pela primeira vez

uma forma de consagração: ela, humanamente falando, parecia captar a natureza específica de sua existência, marcada pelo sofrimento. O lugar de Nino, porém, é na casa de Dom Bosco e ele o descobre com o tempo, não sem momentos de cansaço, mas sempre confiando naqueles que o guiam e aprendendo a comparar seus próprios desejos com os caminhos pelos quais a Igreja o chama. E enquanto Nino passava pelas etapas de formação e consagração (até sua profissão perpétua em 31 de agosto de 2004), havia muitas vocações – inclusive para o sacerdócio e a vida consagrada para as mulheres – que se inspiraram nele, receberam força e luz.

O Responsável Mundial dos “CDB” se expressa assim sobre o significado da consagração leiga hoje, também vivida por Nino: “Nino Baglieri foi para nós, Voluntários com Dom Bosco, um presente especial do céu: ele é o primeiro de nós, irmãos, que nos mostra o caminho da santidade através de um testemunho humilde, discreto e alegre. Nino realizou plenamente a vocação à secularidade consagrada salesiana e nos ensina que a santidade é possível em todas as condições de vida, mesmo naquelas marcadas pelo encontro com a cruz e o sofrimento. Nino nos lembra que todos podemos vencer n’Aquele que nos dá força: a Cruz que ele tanto amou, como um noivo fiel, foi a ponte pela qual uniu a sua história pessoal de homem à história da salvação; foi o altar no qual celebrou o seu sacrifício de louvor ao Senhor da vida; foi a escada para o paraíso. Animados por seu exemplo, nós também, como Nino, podemos nos tornar capazes de transformar todas as realidades cotidianas como bom fermento, certos de encontrar nele um modelo e um poderoso intercessor junto a Deus”.

Nino, que não pode se mover, é o Nino que, com o tempo, aprende a não fugir, a não se esquivar dos pedidos, e se torna cada vez mais acessível e simples como seu Senhor. Sua cama, seu pequeno quarto ou sua cadeira de rodas são assim transfigurados naquele “altar” onde tantos trazem suas alegrias e tristezas: ele os acolhe, oferece a si mesmo e seus próprios sofrimentos por eles. Nino “presente” é o amigo no qual se pode “descarregar” muitas preocupações e “depositar”

os fardos: ele os acolhe com um sorriso, mesmo que em sua vida – guardados em sua reserva – não faltem momentos de grande provação moral e espiritual.

Nas cartas, nas reuniões, nas amizades, ele demonstra grande realismo e sempre sabe ser verdadeiro, reconhecendo sua própria pequenez, mas também a grandeza do dom de Deus nele e por meio dele.

Durante um encontro com jovens em Loreto, na presença do Card. Angelo Comastri, ele dirá: “Se algum de vocês está em pecado mortal, está muito pior do que eu!”: é a consciência, toda salesiana, de que é melhor “a morte, mas não os pecados”, e que os verdadeiros amigos devem ser Jesus e Maria, dos quais nunca se deve separar.

O Bispo da Diocese de Noto, Dom Salvador Rumeo, enfatiza que “a divina aventura de Nino Baglieri nos lembra que a santidade é possível e não pertence aos séculos passados: a santidade é o caminho para chegar ao Coração de Deus. Na vida cristã não há outras soluções. Abraçar a Cruz significa estar com Jesus no período de sofrimento para participar de Sua Luz. E Nino está na Luz de Deus”.

Nino nasceu para o céu em 2 de março de 2007, depois de ter comemorado ininterruptamente o dia 6 de maio (o dia da queda) como o “aniversário da cruz” desde 1982.

Após sua morte, ele foi vestido com macacão e tênis, para que, como ele disse, “em minha última jornada até Deus, eu possa correr em direção a ele”.

O P. João d’Andrea, inspetor dos salesianos da Sicília, nos convida a “... conhecer cada vez melhor a pessoa de Nino e sua mensagem de esperança. Também nós, como Nino, queremos vestir “macacão e tênis” e “correr” no caminho da santidade, o que significa realizar o Sonho de Deus para cada um de nós; um Sonho que cada um de nós é: ser “feliz no tempo e na eternidade”, como escreveu Dom Bosco em sua Carta de Roma, de 10 de maio de 1884”.

Em seu testamento espiritual, Nino nos exorta a “não deixá-lo sem fazer nada”: a sua Causa de Beatificação e Canonização é agora o instrumento disponibilizado pela Igreja

para aprender a conhecê-lo e amá-lo cada vez mais, para encontrá-lo como amigo e exemplo no seguimento de Jesus, para recorrer a ele na oração, pedindo-lhe aquelas graças que já chegaram em grande número.

“O testemunho de Nino” – espera o Postulador Geral, P. Pierluigi Cameroni sdb – “pode ser um sinal de esperança para aqueles que estão em provação e dor, e para as novas gerações, para que possam aprender a enfrentar a vida com fé e coragem, sem desanimar e se abater. Nino nos sorri e nos apoia para que, como ele, possamos fazer nossa «corrida» rumo à alegria do céu”.

Por fim, o bispo Dom Rumeo, no final da sessão de encerramento do Inquérito Diocesano, disse: “É uma grande alegria ter alcançado esse marco para Nino e especialmente para a Igreja de Noto. É um convite para trilharmos o caminho da santidade. O caminho da santidade é uma arte difícil porque o coração da santidade é o Evangelho. Ser santo significa aceitar a palavra do Senhor: àquele que lhe bater na face, ofereça também a outra; àquele que lhe pedir a capa, ofereça também a túnica. Isso é santidade! [...] Em um mundo onde o individualismo prevalece, devemos escolher como entendemos a vida: ou escolhemos a recompensa dos homens ou recebemos a recompensa de Deus. Jesus disse isso, ele veio e continua sendo um sinal de contradição porque ele é o divisor de águas, o ano zero. A vinda de Cristo se torna a agulha na balança: ou com ele, ou contra ele. Amar e nos amarmos é a afirmação que deve guiar nossa existência”.

*Roberto Chiaramonte*

---

# São Francisco de Sales, jovem estudante em Paris

Em 1578, Francisco de Sales tinha 11 anos de idade. Seu pai, desejando fazer de seu filho mais velho uma figura proeminente na Saboia, enviou-o a Paris para continuar seus estudos na capital intelectual da época. O colégio interno que ele queria que frequentasse era o colégio dos nobres, mas Francisco preferiu o dos jesuítas. Com a ajuda de sua mãe, ele ganhou a causa e tornou-se aluno dos jesuítas em seu colégio em Clermont.

Um dia, ao relembrar seus estudos em Paris, Francisco de Sales não será parco em elogios. Escreverá: a Saboia lhe havia garantido “seu início nas belas-artes”, mas foi na Universidade de Paris, “muito florescente e muito frequentada”, onde ele havia “se aplicado com seriedade primeiro às belas-artes, depois a todas as áreas da filosofia, com facilidade e proveito, favorecido pelo fato de que até mesmo os tetos, por assim dizer, e as paredes parecem filosofar”.

Em uma página de *Teótimo*, Francisco de Sales relata uma lembrança da Paris daquela época, na qual reconstrói o clima no qual a juventude estudantil da capital estava imersa, dividida entre os prazeres proibidos, a heresia em moda e a devoção monástica:

*Quando eu era jovem em Paris, dois estudantes, um dos quais era herege, enquanto passavam a noite no subúrbio de Saint-Jacques, dissipando-se de maneira dissoluta, ouviram o sino da manhã tocar na igreja dos Cartuxos; o herege perguntou ao seu companheiro católico por que tocava aquele sino, e este lhe mostrou como os ofícios sagrados eram devotamente celebrados naquele mosteiro; disse: Ó Deus, como é diferente do nosso o exercício daqueles religiosos! Eles fazem como os anjos, e nós como os animais brutos. No dia seguinte, desejando verificar*

*por si mesmo o que havia aprendido com o relato de seu companheiro, ele viu aqueles padres em seus lugares, alinhados como estátuas de mármore em seus nichos, imóveis, sem fazer nenhum gesto, exceto o de salmodiar, o que faziam com uma atenção e devoção verdadeiramente angelicais, de acordo com o costume daquela santa ordem. Então, aquele jovem, extasiado de admiração, foi tomado de extrema consolação ao ver Deus tão bem adorado pelos católicos, e decidiu, e o fez então, entrar no seio da Igreja, a verdadeira e única noiva daquele que o tinha visitado com sua inspiração no desonroso leito de infâmia em que jazia.*

Outra história também mostra que Francisco de Sales não ignorava o espírito rebelde dos parisienses, que os fazia “abominar ações comandadas”. Tratava-se de um homem “que, depois de viver oitenta anos na cidade de Paris, sem jamais sair dela, assim que recebeu do rei a ordem de permanecer ali pelo resto de seus dias, saiu imediatamente para ver o campo, algo que nunca havia desejado em toda a sua vida”.

### **Estudos humanísticos**

Os jesuítas eram então animados pelo ímpeto de suas origens. Francisco de Sales passou dez anos no colégio deles, cobrindo todo o currículo de estudos, passando da gramática aos estudos clássicos, à retórica e à filosofia. Como aluno externo, ele morava não muito longe do colégio com seu tutor, o P. Déage, e seus três primos, Amé, Luís e Gaspar.

O método dos jesuítas incluía a palestra do professor (*praelectio*), seguida de vários exercícios pelos alunos, como a composição de versos e discursos, a repetição das lições, as declamações, os temas, as conversas e as disputas (*disputatio*) em latim. Para motivar seus alunos, os professores apelavam para duas “inclinações” presentes na alma humana: o prazer, alimentado pela imitação dos antigos, um senso de beleza e a busca da perfeição literária; e o esforço ou emulação, estimulado por um senso de honra e o prêmio para

os vencedores. Quanto às motivações religiosas, elas eram, antes de tudo, a busca da maior glória de Deus (*ad maiorem Dei gloriam*).

Analisando os escritos de Francisco, percebe-se o quanto sua cultura latina era extensa e profunda, mesmo que ele nem sempre lesse os autores no texto original. Cícero tem seu lugar, mas como filósofo; ele é um grande espírito, se não o maior “entre os filósofos pagãos”. Virgílio, o príncipe dos poetas latinos, não é esquecido: no meio de um parágrafo, aparece de repente uma linha da *Eneida* ou das *Églogas*, embelezando a frase e estimulando a curiosidade. Plínio, o Velho, autor da *História Natural*, fornecerá a Francisco de Sales uma reserva quase inesgotável de comparações, “semelhanças” e dados curiosos, muitas vezes fantasmagóricos.

Ao final de seus estudos literários, ele obteve o “grau de bacharel” que lhe abriu o acesso à filosofia e às “artes liberais”.

### **Filosofia e “artes liberais**

As “artes liberais” abrangiam não apenas a filosofia propriamente dita, mas também a matemática, a cosmografia, a história natural, a música, a física, a astronomia e a química, tudo “misturado com considerações metafísicas”. Também deve-se notar o interesse dos jesuítas pelas ciências exatas, mais próximas do humanismo italiano do que do humanismo francês.

Os escritos de Francisco de Sales mostram que seus estudos de filosofia deixaram marcas em seu universo mental. Aristóteles, “o maior cérebro” da antiguidade, está sempre presente em Francisco. Escreverá: Deve-se a Aristóteles, esse “antigo axioma entre os filósofos, que todo homem deseja conhecer”. O que mais o impressionou em Aristóteles foi o fato de ele ter escrito “um admirável tratado sobre as virtudes”. Quanto a Platão, ele o considera um “grande espírito”, se não “o maior”. Ele tinha grande estima por Epiteto, “o melhor homem de todo o paganismo”.

Os conhecimentos sobre cosmografia, correspondente

à nossa geografia, foi favorecido pelas viagens e descobertas da época. Desconhecendo completamente a causa do fenômeno do norte magnético, ele sabia muito bem que “essa estrela polar” é aquela “para a qual a agulha da bússola tende constantemente; é graças a ela que os timoneiros são guiados no mar e podem saber aonde suas rotas os levam”. O estudo da astronomia abriu seu espírito para o conhecimento das novas teorias copernicanas.

Quanto à música, ele confessa que, embora não fosse um conhecedor, gostava “muito” dela. Dotado de um senso inato de harmonia em todas as coisas, ele admitiu, no entanto, que conhecia a importância da discordância, que é a base da polifonia: “Para que a música seja bela, é necessário não apenas que as vozes sejam claras, nítidas e distintas, mas também que elas estejam ligadas entre si de modo a constituir uma consonância e uma harmonia agradáveis, em virtude da união existente na distinção e da distinção das vozes, o que, não sem razão, é chamado de acorde discordante, ou melhor, discórdia concordante”. O alaúde é mencionado com frequência em seus escritos, o que não é surpreendente, sabendo que o século XVI foi a era de ouro desse instrumento.

### **Atividades extracurriculares**

A escola não absorveu totalmente a vida de nosso jovem, que também precisava relaxar. A partir de 1560, os jesuítas deram início a novas orientações, como a redução do horário diário, a inserção da recreação entre as horas de estudo e de escola, o descanso após as refeições, a criação de um “pátio” espaçoso para recreação, caminhadas uma vez por semana e excursões. O autor da *Filoteia* relembra os jogos de que teve de participar durante sua juventude, quando elenca “o jogo de ‘pallacorda’ [predecessor do tênis], bola, corridas de argolas, xadrez e outros jogos de tabuleiro”. Uma vez por semana, às quintas-feiras ou, se não fosse possível, aos domingos, uma tarde inteira era reservada para a diversão no campo.

O jovem Francisco assistia e até participava de

peças de teatro no internato de Clermont? É mais do que provável, porque os jesuítas eram os promotores de peças e comédias morais apresentadas em público em um palco ou em plataformas montadas em cavaletes, até mesmo na igreja do colégio. O repertório era geralmente inspirado na Bíblia, na vida dos santos, especialmente nos atos dos mártires, ou na história da Igreja, sem excluir cenas alegóricas, como a luta das virtudes contra os vícios, os diálogos entre a fé e a Igreja, entre a heresia e a razão. Em geral, considerava-se que esse tipo de apresentação correspondia a uma pregação bem feita.

### **Equitação, esgrima e dança**

Seu pai zelava pelo treinamento completo de Francisco como um perfeito cavaleiro, e a prova disso está no fato de que ele exigia que ele se empenhasse em aprender as “artes da nobreza” ou as artes da cavalaria, nas quais ele próprio se destacava. Francisco teve de praticar equitação, esgrima e dança.

Quanto à prática da esgrima, sabe-se que ela distinguia a tarefa cavaleiresca, assim como portar uma espada fazia parte dos privilégios da nobreza. A esgrima moderna, nascida na Espanha no início do século XV, foi codificada pelos italianos, que a tornaram conhecida na França.

Francisco de Sales às vezes tinha a oportunidade de mostrar sua destreza no manejo da espada durante ataques reais ou simulados; mas durante toda a sua vida ele lutará contra os desafios em duelos que muitas vezes terminavam com a morte de um dos competidores. Seu sobrinho contou que, durante sua missão em Thonon, incapaz de deter dois “infelizes” que “estavam esgrimindo com espadas nuas” e “continuavam a cruzar suas espadas um contra o outro”, “o homem de Deus, confiando em sua habilidade, aprendida adequadamente durante um longo período de tempo, lançou-se sobre eles e os derrotou, de modo que eles se arrependeram de sua ação indigna”.

Quanto à dança que havia adquirido títulos nobres

nas cortes italianas, parece ter sido introduzida na corte francesa por Catarina de Médici, esposa de Henrique II. Francisco de Sales participou de algum *balé*, dança figurativa, acompanhada de música? Não é impossível, porque ele tinha conhecidos em algumas das grandes famílias.

Em si mesmas, ele escreveria mais tarde na Filoteia, as danças não são uma coisa ruim; tudo depende do uso que se faz delas: “Brincar, dançar é lícito quando feito por diversão e não por afeição”. Acrescentemos a todos esses exercícios o aprendizado da cortesia e das boas maneiras, especialmente com os jesuítas, que davam muita atenção à “civilidade”, à “modéstia” e à “honestidade”.

### **Formação religiosa e moral**

No nível religioso, o ensino da doutrina cristã e do catecismo era de grande importância nos colégios jesuítas. O catecismo era ensinado em todas as classes, aprendido de cor nas classes iniciais, seguindo o método de *disputatio* e com prêmios para os melhores. Às vezes, eram organizadas competições públicas com uma encenação de cunho religioso. Cultivava-se o canto sacro, que os luteranos e calvinistas haviam desenvolvido muito. Foi dada ênfase especial ao ano litúrgico e aos festivais, usando “histórias” da Sagrada Escritura.

Empenhados em restaurar a prática dos sacramentos, os jesuítas incentivavam seus alunos não apenas a participar da missa diária, o que não era um costume excepcional no século XVI, mas também a frequentar a comunhão eucarística, a confissão frequente e a devoção à Virgem e aos santos. Francisco respondeu com fervor às exortações de seus mestres espirituais, comprometendo-se a receber a comunhão “sempre que possível”, “pelo menos todo mês”.

Com o Renascimento, a *virtus* [*virtude*] dos antigos, devidamente cristianizada, voltou à tona. Os jesuítas tornaram-se seus protagonistas, incentivando seus alunos ao esforço, à disciplina pessoal e à autorreforma. Francisco, sem dúvida, aderiu ao ideal das virtudes cristãs mais apreciadas,

como a obediência, a humildade, a piedade, a prática do dever de seu estado, o trabalho, as boas maneiras e a castidade. Mais tarde, ele dedicará toda a parte central de sua Filoteia ao “exercício das virtudes”.

### **Estudo da Bíblia e da teologia**

Num domingo de carnaval em 1584, enquanto toda Paris saía para se divertir, seu tutor viu Francisco com um ar preocupado. Sem saber se ele estava doente ou melancólico, propôs que ele assistisse aos shows de carnaval. A essa proposta, o jovem respondeu com a seguinte oração extraída das Escrituras: “Desvia os meus olhos das coisas vãs”, e acrescentou: “*Domine, fac ut videam*” [Senhor, faze com que eu veja]. Ver o quê? “Sagrada teologia”, foi sua resposta; “ela me ensinará o que Deus quer que minha alma aprenda”. O P. Déage, que estava preparando seu doutorado na Sorbonne, teve a sabedoria de não se opor ao desejo de seu coração. Francisco ficou entusiasmado com as ciências sagradas a ponto de faltar às refeições. Seu tutor lhe deu suas próprias anotações do curso e permitiu que ele participasse de disputas públicas sobre teologia.

A fonte dessa devoção não se encontrava tanto nos cursos de teologia da Sorbonne, mas sim nas palestras de exegese realizadas no Colégio Real. Após sua fundação em 1530, essa faculdade testemunhou o triunfo de novas tendências no estudo da Bíblia. Em 1584, Gilbert Genebrard, um beneditino de Cluny, comentava o “Cântico dos Cânticos”. Mais tarde, quando compôs seu Teótimo, o bispo de Genebra vai lembrar-se desse mestre e o citará “com reverência e emoção, porque”, escreveu ele, “fui seu aluno, embora com pouco aproveitamento, quando lecionava no Colégio Real de Paris”. Apesar de seu rigor filológico, Genebrard lhe transmitiu uma interpretação alegórica e mística do *Cântico dos Cânticos*, que o encantou. Como escreve o P. Lajeunie, Francisco encontrou nesse livro sagrado “a inspiração de sua vida, o tema de sua obra-prima e a melhor fonte de seu otimismo”.

Os efeitos dessa descoberta não demoraram a

chegar. O jovem estudante viveu um período marcado por um fervor excepcional. Ele se juntou à Congregação de Maria, uma associação promovida pelos jesuítas, que reunia a elite espiritual dos estudantes de sua faculdade, da qual logo se tornou assistente e depois “prefeito”. Seu coração estava inflamado pelo amor de Deus. Citando o salmista, ele disse que estava “embriagado com a abundância” da casa de Deus, cheio da torrente da “volúpia” divina. Sua maior afeição estava reservada para a Virgem Maria, “bela como a lua, resplandecente como o sol”.

### **Devoção em crise**

Esse fervor sensível durou por um tempo. Depois veio uma crise, um “estranho tormento”, acompanhada pelo “medo da morte súbita e do julgamento de Deus”. De acordo com o testemunho da Madre de Chantal, “ele quase parou completamente de comer e dormir e ficou muito magro e pálido como cera”. Duas explicações atraíram a atenção dos comentaristas: tentações contra a castidade e a questão da predestinação. Não é necessário nos determos nas tentações. O modo de pensar e agir do mundo ao redor, os hábitos de certos companheiros que frequentavam “mulheres desonestas”, ofereceram-lhe exemplos e convites capazes de atrair qualquer jovem de sua idade e condição.

Outro motivo de crise foi a questão da predestinação, um tópico que estava em pauta entre os teólogos. Lutero e Calvino haviam feito dela seu cavalo de batalha na disputa sobre a justificação somente pela fé, independentemente dos “méritos” que o homem pudesse adquirir por meio de boas obras. Calvino havia afirmado decisivamente que Deus “determinou o que pretendia fazer por cada homem individualmente; pois Ele não os cria todos na mesma condição, mas destina alguns à vida eterna, outros à condenação eterna”. Na própria Sorbonne, onde Francisco estudava, ensinava-se, com base na autoridade de Santo Agostinho e Santo Tomás, que Deus não havia decretado a salvação de todos os homens.

Francisco acreditava que havia sido reprovado por

Deus e destinado à condenação eterna e ao inferno. No auge de sua angústia, ele fez um ato heroico de amor altruísta e abandono à misericórdia de Deus. Ele até chegou à conclusão, absurda do ponto de vista lógico, de aceitar voluntariamente ir para o inferno, mas com a condição de não amaldiçoar o Bem Supremo. A solução para seu “estranho tormento” é conhecida, em particular, por meio das confidências que ele fez à Madre de Chantal: um dia, em janeiro de 1587, ele entrou em uma igreja próxima e, depois de rezar na capela da Virgem, pareceu-lhe que sua doença havia caído a seus pés como “escamas de lepra”.

Na verdade, essa crise teve alguns efeitos realmente positivos no desenvolvimento espiritual de Francisco. Por um lado, ela o ajudou a passar da devoção sensível, talvez egoísta e até narcisista, para o amor puro, despojado de toda gratificação interesseira e infantil. E, por outro lado, abriu seu espírito para uma nova compreensão do amor de Deus, que deseja a salvação de todos os seres humanos. Certamente, ele sempre defenderá a doutrina católica sobre a necessidade de obras para ser salvo, fiel às definições do Concílio de Trento, mas o termo “mérito” não terá sua simpatia. A verdadeira recompensa do amor só pode ser o amor. Estamos aqui na raiz do otimismo salesiano.

## **Equilíbrio**

É difícil exagerar a importância dos dez anos vividos pelo jovem Francisco de Sales em Paris. Ele concluiu seus estudos em 1588 com a licenciatura e o magistério “nas artes”, o que lhe abria o caminho para estudos superiores em teologia, direito e medicina. Quais ele escolheu, ou melhor, quais lhe foram impostos por seu pai? Conhecendo os planos ambiciosos que seu pai tinha para o filho mais velho, se entende que o estudo de direito era sua preferência. Francisco passou a estudar direito na Universidade de Pádua, na República de Veneza.

Dos onze aos vinte e um anos de idade, ou seja, durante os dez anos de sua adolescência e juventude, Francisco

foi aluno dos jesuítas em Paris. A formação intelectual, moral e religiosa que recebeu dos padres da Companhia de Jesus deixaria uma marca que ele conservaria por toda a vida. Mas Francisco de Sales manteve sua originalidade. Ele não se sentiu atraído a se tornar um jesuíta, mas sim um capuchinho. A “salesianidade” sempre terá traços particulares demais para ser simplesmente assimilada a outros modos de ser e reagir diante das pessoas e dos acontecimentos.

---

## **Canillitas. Trabalho infantil na República Dominicana (vídeo)**

*Infelizmente, o trabalho infantil não é uma realidade do passado. Ainda há cerca de 160 milhões de crianças trabalhando no mundo, e quase metade delas está empregada em várias formas de trabalho perigoso; algumas delas começam a trabalhar aos 5 anos de idade! Isso as mantém longe da escola e tem sérias consequências negativas em seu desenvolvimento cognitivo, volitivo, emocional e social, afetando sua saúde e qualidade de vida.*

Antes de discutir o trabalho infantil, é preciso reconhecer que nem todo trabalho realizado por crianças pode ser classificado como tal. A participação das crianças em determinadas atividades familiares, escolares ou sociais que não atrapalhem sua escolaridade não só não prejudica sua saúde e desenvolvimento, como também é benéfica. Essas atividades fazem parte da educação integral, ajudam as crianças a aprender habilidades que são muito úteis em suas vidas e as preparam para as responsabilidades.

A definição de trabalho infantil dada pela Organização Internacional do Trabalho é uma atividade de trabalho que priva as crianças de sua infância, de seu potencial e de sua dignidade e é prejudicial ao seu desenvolvimento físico e psicológico. São trabalhos nas ruas, em fábricas, em minas, com longas jornadas de trabalho que muitas vezes as privam até mesmo do descanso necessário. São trabalhos que, física, mental, social ou moralmente, são arriscados ou prejudiciais às crianças e que interferem em sua escolaridade, privando-as da oportunidade de ir à escola, forçando-as a deixar a escola mais cedo ou obrigando-as a tentar conciliar a frequência escolar com longas horas de trabalho árduo.

Essa definição de trabalho infantil não é compartilhada por todos os países. Entretanto, há parâmetros que podem defini-la: idade, dificuldade ou perigo do trabalho, número de horas trabalhadas, condições em que o trabalho é realizado e também o nível de desenvolvimento do país. Quanto à idade, é comumente aceito que não se deve trabalhar com menos de 12 anos de idade: os padrões internacionais falam de uma idade mínima para admissão ao trabalho, ou seja, não inferior à idade em que se termina a escolaridade obrigatória.

Estatísticas recentes falam de cerca de 160 milhões de crianças trabalhando, e esse número na realidade pode ser consideravelmente maior, pois é difícil calcular a situação real. Concretamente, uma em cada 10 crianças no mundo é vítima de trabalho infantil. E é preciso ter em mente que essa estatística também inclui o trabalho degradante – se é que podemos chamá-lo de trabalho – como o recrutamento forçado em conflitos armados, a escravidão ou a exploração sexual. É preocupante o fato de as estatísticas mostrarem que há 8 milhões de crianças a mais trabalhando hoje do que em 2016, e que esse aumento ocorre principalmente com crianças entre 5 e 11 anos de idade. As organizações internacionais alertam que, se a tendência continuar assim, o número de crianças empregadas no trabalho infantil poderá aumentar em 46 milhões nos próximos anos se não forem tomadas medidas adequadas de

proteção social.

A causa do trabalho infantil é principalmente a pobreza, mas também a falta de acesso à educação e a vulnerabilidade no caso de crianças órfãs ou abandonadas.

Esse trabalho, na grande maioria dos casos, também acarreta consequências físicas (doenças e enfermidades crônicas, mutilação), psicológicas (por sofrerem abusos, os meninos se tornam abusadores, depois de viverem em ambientes hostis e violentos, eles próprios se tornam hostis e violentos, desenvolvem baixa autoestima e falta de esperança no futuro) e sociais (corrupção de costumes, álcool, drogas, prostituição, delitos).

Esse não é um fenômeno novo, pois também aconteceu na época de Dom Bosco, quando muitos meninos, movidos pela pobreza, buscavam meios de sobrevivência nas grandes cidades. A resposta do santo foi acolhê-los, dar-lhes comida e abrigo, alfabetização, educação, um trabalho digno e fazer com que esses meninos abandonados sentissem que faziam parte de uma família.

Ainda hoje, esses meninos demonstram grande insegurança e desconfiança, são desnutridos e têm sérias deficiências emocionais. Hoje, também, devemos procurá-los, conhecê-los, oferecendo-lhes gradualmente o que eles gostam para, finalmente, dar-lhes o que precisam: um lar, uma educação, um ambiente familiar e, no futuro, um emprego digno.

Procura-se conhecer a situação particular de cada um deles, buscar os familiares para reintegrar os meninos à família quando possível, dar-lhes a oportunidade de deixar o trabalho infantil, socializar-se, frequentar a escola, acompanhando-os para que possam realizar seu sonho e projeto de vida graças à educação, e tornar-se testemunhas para outros meninos que se encontram na mesma situação que eles.

Em 70 países do mundo, os salesianos atuam no campo do trabalho infantil. Apresentamos um deles, o da República Dominicana.

*Canillitas* era o nome dado aos meninos que eram vendedores ambulantes de jornais e que, devido à pobreza, tinham calças curtas, deixando descobertas suas “canillas”, ou pernas. Assim como esses, os meninos de hoje têm de mover as pernas na rua todos os dias para ganhar a vida, por isso o projeto para eles foi chamado de *Canillitas com Dom Bosco*.

Começou como um projeto oratoriano salesiano, que depois se tornou uma atividade permanente: o *Centro Canillitas com Don Bosco* em Santo Domingo.

O projeto começou em 8 de dezembro de 1985 com três jovens do ambiente salesiano que se dedicaram em tempo integral, abandonando suas ocupações. Eles tinham clareza sobre as quatro etapas do caminho a seguir: Busca, Acolhimento, Socialização e Acompanhamento. Eles começaram a procurar jovens nas ruas e nos parques de Santo Domingo, entrando em contato com eles, ganhando sua confiança e estabelecendo laços de amizade. Depois de dois meses, eles os convidaram para passar um domingo juntos e ficaram surpresos quando mais de 300 menores apareceram na reunião. Foi uma tarde festiva com jogos, música e lanches que levou as crianças a perguntarem espontaneamente quando poderiam voltar. A resposta só poderia ser: “no próximo domingo”.

O número de crianças cresceu de forma constante, depois que elas perceberam que a recepção, os espaços e as atividades eram ideais para elas. O acampamento organizado no verão contou com a participação de cerca de cem dos mais fiéis. Nesse acampamento, os meninos receberam um cartão de *canillitas*, para dar-lhes uma identidade e um senso de pertencimento, também porque muitos deles nem sabiam sua data de nascimento.

Com o aumento do número de meninos, as despesas também cresceram. Isso levou à necessidade de buscar financiamento e, implicitamente, de tornar o projeto conhecido com esses meninos.

Em 2 de maio de 1986, a comunidade salesiana apresentou o

projeto aos superiores salesianos da Inspeção Salesiana das Antilhas, um projeto que recebeu apoio unânime. Assim, o programa *Canillitas com Dom Bosco* foi oficialmente lançado e continua até hoje, depois de quase 38 anos de existência. E não apenas continua, mas cresceu e se expandiu, sendo um modelo para outras iniciativas. Assim nasceu o programa *Canillitas com Laura Vicuña*, desenvolvido pelas Filhas de Maria Auxiliadora para as moças trabalhadoras, os programas *Chiriperos [Chapas = trabalhadores avulsos] com Dom Bosco*, para ajudar os jovens que – para ganhar a vida – faziam qualquer “pequeno trabalho” (como carregar água, jogar lixo fora, levar recados...), e o programa *Aprendizes com Dom Bosco*, que cuida dos menores que trabalhavam nas muitas oficinas mecânicas, exploradas por certos empresários. Para esses últimos, os salesianos construíram uma oficina com a ajuda de alguns bons industriais e da Primeira Dama da República, para que pudessem aprender livremente um ofício e não ficassem à mercê das injustiças.

Como resultado desse sucesso, todas essas iniciativas e outras se fundiram na *Rede de Meninos e Meninas com Dom Bosco*, atualmente composta por 11 centros com programas adaptados às faixas etárias das crianças, que se tornaram um exemplo na luta contra o trabalho infantil no país caribenho. Fazem parte dessa rede: *Canillitas con Don Bosco*, *Chiriperos con Don Bosco*, *Aprendices con Don Bosco*, *Hogar [Lar] Escuela de Niñas Doña Chucha*, *Hogar de Niñas Nuestra Señora de la Altagracia*, *Hogar Escuela Santo Domingo Savio*, *Quédate con Nosotros [Permanece Conosco]*, *Don Bosco Amigo*, *Amigos y Amigas de Domingo Savio*, *Mano a Mano [De mãos dadas] con Don Bosco* e *Sur Joven [Sul Jovem]*.

A rede realizou programas focados no desenvolvimento de habilidades em crianças e jovens, promovendo sua formação e crescimento integral. Acompanhou diretamente cerca de 93.000 crianças, adolescentes e jovens, alcançou mais de 70.000 famílias e, indiretamente, teve mais de 150.000 beneficiários, trabalhando com uma média de mais de 2.500 beneficiários por ano. Tudo isso foi alcançado com base no Sistema Preventivo de

Dom Bosco, que levou meninos e jovens a recuperar sua autoestima, a serem protagonistas de suas próprias vidas para se tornarem “cidadãos honestos e bons cristãos”.

Esse trabalho também teve um impacto sociopolítico. Ele contribuiu para o crescimento da sensibilidade social em relação a esses meninos pobres que faziam o que podiam para sobreviver. O eco do programa salesiano na mídia da República Dominicana deu a um grupo de *Canillitas* a oportunidade de participar de uma sessão do Congresso Nacional do país e da elaboração do Código do Sistema de Proteção e Direitos Fundamentais das Crianças e Adolescentes da República Dominicana (Lei 136-03), promulgado em 7 de agosto de 2003.

Posteriormente, vários acordos foram assinados com o Instituto de Treinamento Técnico Profissional, o Conselho Nacional da Criança e do Adolescente e a Escola da Magistratura.

Graças ao apoio de muitos empresários e da sociedade civil, foram estabelecidas parcerias e inter-relações com a UNICEF, a Organização Internacional do Trabalho, o governo nacional, a Coalizão de ONGs para Crianças da República Dominicana, e até mesmo a Conferência das Américas na Casa Branca em 2007, com uma recepção do Presidente George Bush e da Secretária de Estado Condoleezza Rice.

O trabalho salesiano contribuiu para a redução do trabalho infantil e o aumento das taxas de educação no país. O promotor missionário salesiano, P. João Linares, foi nomeado o Homem do Ano da República Dominicana em 2011 e, por 10 anos, foi membro da diretoria do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, o órgão dirigente do Sistema Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Recentemente, foi feito um documentário, “*Canillitas*”, para informar, denunciar e conscientizar sobre o trabalho infantil. O pequeno documentário reflete a vida cotidiana de seis crianças trabalhadoras na República Dominicana, bem como o trabalho dos missionários salesianos para mudar essa realidade, graças à educação.

Apresentamos a ficha técnica do filme.

Título: Canillitas

Ano de produção: 2022

Duração: 21 minutos

Gênero: Documentário

Público adequado: Todos

País: Espanha

Diretor: Raúl de la Fuente, Prêmio Goya 2014 por “Minerita” e em 2019 por “Un día más con vida”

Produção: Kanaki Films

Versões e legendas: espanhol, inglês, francês, italiano, português, alemão e polonês

**Versão on-line:**

*(Artigo feito com material enviado pelas “Misiones Salesianas” em Madri, Espanha.)*